

# O TEÓLOGO DE DUAS CABEÇAS E O FILÓSOFO DESCABEÇADO

*THE TWO-HEADED THEOLOGIAN AND THE HEADLESS PHILOSOPHER*

Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento<sup>1</sup>

## RESUMO

Este texto, inédito ainda, reporta a vida de Santo Tomás de Aquino, todavia sob o ocular de quem olha para acontecimentos tanto marcantes quanto pitorescos do Aquinate. O texto não está preocupado primordialmente com o conteúdo do pensamento de Tomás, mas com cenas e acontecimentos não tão usuais relativos a vida, atividade, influência e como era visto e tratado em vida e depois de sua morte. São boas páginas que trazem uma visão como que do cotidiano da vida do Mestre. Na aparência, a vida de Tomás é simplesmente a vida de um professor que só se ocupa com suas aulas e seus livros; a isso se reduziram muitas apresentações dele. Ele próprio talvez tenha um pouco de culpa, dada sua extrema discrição a respeito de si mesmo. Com um pouco de atenção e de paciência é, porém, possível perceber que por debaixo desta aparente simplicidade havia uma real complexidade e que a figura de Tomás de Aquino resultava de muitos aspectos integrantes de uma personalidade pouco comum.

Palavras-chave: Tomás de Aquino. Convivência na Ordem dos Pregadores. Santificação. Relíquias.

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Medievais pela Université de Montréal. Professor titular aposentado do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). *E-mail*: carlosartnascimento@gmail.com

## **ABSTRACT**

This text, still unpublished, reports the life of St. Thomas Aquinas, however, under the eye of one who looks at events both striking and picturesque in the life of Aquinas. The text is not primarily concerned with the content of Thomas' thought, but with not-so-usual scenes and events concerning life, activity, influence, and how he was seen and treated in life and after his death. They are good pages that bring a vision, as it were, of Mestre's daily life. On the face of it, Thomas's life is simply the life of a teacher who is occupied only with his classes and his books; many presentations of the same have reduced it to that. Perhaps he himself is a little to blame, given his extreme discretion about himself. With a little attention and patience, however, it is possible to perceive that underneath this apparent simplicity there was a real complexity and that the figure of Thomas Aquinas resulted from many aspects that are part of an unusual personality.

Keywords: Thomas Aquinas. Conviviality in the Order of Preachers. Sanctification. Relics.

## INTRODUÇÃO

O livro *São Tomás de Aquino em 90 minutos*, de Paul Strathern, começa assim: “Tomás de Aquino morreu em 7 de março de 1274 e subiu aos céus. Quarenta e nove anos depois, virou santo; e em 1879 o papa Leão XIII declarou sua obra ‘a única filosofia verdadeira’”<sup>2</sup>.

Simples, não é? Nem tanto assim. Quem disse que ele subiu aos céus? Porque só virou santo 49 anos depois de morto? Onde está a citação de Leão XIII? Vamos devagar que a história é comprida.

No entanto, Strathern não deixa de ter certa razão: na aparência a vida de Tomás é simplesmente a vida de um professor que só se ocupa com suas aulas e seus livros; a isso se reduziram muitas apresentações dele. Ele próprio talvez tenha um pouco de culpa, dada sua extrema discrição a respeito de si mesmo. Com um pouco de atenção e de paciência é, porém, possível perceber que por debaixo desta aparente simplicidade havia uma real complexidade e que a figura de Tomás de Aquino resultava de muitos aspectos integrantes de uma personalidade pouco comum.

Fisicamente era corpulento: alto e volumoso. Alguns que o conheceram falam mesmo que era muito gordo. De todo modo, chamava atenção: “Quando Tomás passava pelo campo o povo que se achava ocupado nos campos deixava seus trabalhos e corriam ao seu encontro, admirando a estatura imponente de seu corpo e a beleza de seus traços humanos. Eles iam à frente dele, muito mais por causa de sua beleza do que em razão de sua santidade e de sua origem nobre”<sup>3</sup>.

Quanto à origem nobre não era lá essas coisas. Como diz Jacques Verger: “essa grande nobreza feudal um pouco decadente do reino da Sicília, dividida entre o serviço ao imperador Frederico II e a fidelidade ao Papa”<sup>4</sup>. Mas, a santidade não deixava nada a desejar, pelo menos em

---

<sup>2</sup> STRATHERN, P. *São Tomás de Aquino em 90 minutos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999. p. 7.

<sup>3</sup> TORREL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e sua obra*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008. p. 327.

<sup>4</sup> VERGER, J. Tomás de Aquino, um universitário na Idade Média. In: BERLIOZ, J. *Monges e religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1996. p. 287-301, aqui p. 288. Em nota (p. 300) Verger acrescenta: “Frederico II de Hohenstanfen (1194-2050) era ao

sua terra natal, o sul da Itália. Desde sua morte na abadia cisterciense de Fossa Nova, seu túmulo tornou-se um lugar de peregrinação e os que aí iam pediam algum milagre, em geral, a cura de alguma enfermidade. Mas, não era apenas o túmulo que atraía os devotos. Tomás podia ser invocado de longe, com a presença de uma relíquia ou mesmo sem esta. Como as mulheres não podiam entrar na igreja da abadia por causa da clausura, uma relíquia era levada até sua entrada para que estas a venerassem e fizessem seus pedidos. Daí a importância das relíquias.

Mal Tomás tinha partido deste mundo, já havia gente interessada em seus ossos. Em maio de 1274, o reitor da Universidade de Paris, os procuradores e demais mestres em exercício nas artes em Paris dirigem por carta ao capítulo geral dos dominicanos reunido em Lião o seguinte pedido:

É doloroso dizê-lo – embora solicitássemos insistentemente da assembleia reunida em vosso capítulo geral de Florença (12-06-1271), não pudemos obtê-lo. No entanto, para que não nos mostremos ingratos para com a memória de tão grande clérigo, padre e doutor, que não pudemos reaver vivo, mas dotados de afeição devota, vos pedimos humildemente, como dádiva suprema, os ossos do mesmo já morto. Pois é totalmente inconveniente e indigno que outra terra e outro lugar, que não a mais nobre de todas as cidades universitárias, Paris, que primeiro o educou, alimentou e dele cuidou e depois recebeu dele próprio alimentos e cuidados inefáveis, conserve seus ossos inumados e sepultados<sup>5</sup>.

Tiveram de se contentar com um braço, que foi enviado ao convento de São Tiago em Paris, muito depois, por ocasião da translação dos ossos de Tomás para a Igreja dos Jacobinos em Toulouse, em 1368. Este último episódio ainda não foi o fim completo das peregrinações destas relíquias. Como dissemos, a história é longa.

---

mesmo tempo, por parte do pai, imperador do Sacro Império Romano-Germânico e por parte da mãe, rei da Sicília”.

<sup>5</sup> BIRKENMAJER, A. Carta da Universidade de Paris ao capítulo geral dos dominicanos, reunido em Lião, por ocasião da morte de Tomás de Aquino. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento. **Scintilla**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 204, jul./dez. 2011.

Tomás de Aquino morreu a caminho do segundo concílio de Lião na abadia cisterciense de Fossa Nova. Os monges o sepultaram diante do altar-mor da igreja abacial. Logo em seguida, alguns monges retiraram à noite o corpo de sua sepultura e o levaram para a capela de santo Estêvão perto do Claustro, certamente temendo que o corpo fosse subtraído da abadia. Em outubro de 1274, Tomás aparece em sonho a Dom Tiago de Florença, prior do mosteiro e lhe diz: “leva-me para o lugar anterior”. O corpo foi restituído a seu lugar na igreja abacial. Encontrava-se intacto apesar do seu volume e de o terreno da primeira sepultura ser pantanoso<sup>6</sup>. Aí permaneceu até 1281. Pedro de Monte São João torna-se abade de Fossa Nova e preocupa-se em dar aos restos mortais de Tomás uma sepultura mais honrosa. Fez então construir para eles um sepulcro de pedra do lado esquerdo do altar. O corpo e suas vestimentas continuavam intactos, faltando apenas a ponta do polegar da mão direita<sup>7</sup>. Em 1288, o novo túmulo foi aberto a pedido de Teodora, condessa de Sanseverino e irmã de Tomás. Esta recebeu do abade Pedro de Monte São João a mão direita do corpo, que continuava íntegro, salvo a ponta do nariz. O filho de Teodora, Tomás, entregou a mão ao prior do convento dos dominicanos de Salerno, por ocasião da morte de sua mãe (entre 1295 e 1319); a mão, ao que se saiba, continua neste convento até hoje. Em 1303, o mestre geral dos dominicanos Nicolau Bocassini foi eleito papa com o nome de Bento XI. Os monges de Fossa Nova entraram em pânico. E se o papa ordenasse que entregassem o corpo de Tomás aos dominicanos? Como precaução, o abade e alguns monges separaram a cabeça do corpo e a esconderam numa capela atrás do coro. Nesta mesma ocasião teriam fervido o corpo em água misturada com vinho para separar as carnes dos ossos e poder mais facilmente transportar estes últimos. Era um procedimento costumeiro (*mos teutonicus* – costume

---

<sup>6</sup> Como diz Pablo da Silveira, “Tomás nasceu gordo e gordo viveu até o fim de seus dias” (SILVEIRA, P. El gordo, el Buey y el santo. In: **Historias de filósofos**. Buenos Aires: Alfaguara, 1997. p. 88). Que o terreno era pantanoso, o próprio nome da abadia o indicaria. Cf. MANDONNET, P. La canonisation de saint Thomas. In: Les dominicains de la Province de France. **Mélanges Thomistes**: Paris, J. Vrin, 1970, p. 15.

<sup>7</sup> Teria sido dado por Reginaldo, o secretário e grande amigo de Tomás, ao cardeal Hugo de Ostia. Cf. TORRELL, J.-P. **Iniciação a santo Tomás de Aquino**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 34.

teutônico) com os corpos de personagens importantes, como são Luiz e Frederico II<sup>8</sup>. Os familiares de Tomás tinham também interesse pelo corpo de Tomás. Não desejavam que este fosse levado para fora da região. Ptolomeu de Luca testemunha esse interesse antes de 1317<sup>9</sup>. Parece haver um intervalo de silêncio sobre os despojos de Tomás até por volta de 1349. Em torno desta data, Honorato, Conde de Fondi, sobrinho de Tomás por sua irmã Teodora, patrono da abadia de Fossa Nova, transporta os ossos para seu castelo.

Os detalhes desta operação parecem vindos de um conto policial. O conde de Piperno projetou se apoderar dos despojos de Tomás. Ele estava em guerra com o conde de Fondi e tinha necessidade de dinheiro. Teria pensado que, apoderando-se dos restos de Tomás, poderia vendê-los ao rei da Sicília, amigo dos dominicanos. O plano foi delatado ao conde de Fondi por um monge que tinha necessidade da proteção deste para obter uma dignidade na corte de Roma. O conde de Fondi revelou o plano ao abade de Fossa Nova. Este, temeroso, consente que os ossos fossem transportados para o castelo do conde, onde estariam mais seguros do que na abadia. O rei da Sicília parece ter querido comprar os ossos por 15.000 florins, mas o conde de Fondi não concordou e se recusou também a entregá-los, seja aos dominicanos, seja à abadia de Fossa Nova. Ele os guardou por dois anos. Em 1351, o irmão do conde foi jogado no chão por seu cavalo durante uma caçada. Quebrou as pernas e os braços. Desesperado, o conde prometeu a Santo Tomás que, se seu irmão se recuperasse, ele devolveria os despojos à abadia de Fossa Nova. Efetivamente, seu irmão se cura. Então, o conde combina com o abade de Fossa Nova e um monge: eles devolvem furtivamente os despojos à abadia e os colocam num buraco aberto ao pé da parede do campanário. O tempo passa, o abade e o monge que ajudaram ao conde morrem. Instado pelos dominicanos, este resolveu recuperar as preciosas relíquias. Fingindo ser perseguido por inimigos, pede refúgio na abadia e permissão de passar a noite no campanário para estar mais seguro. Os

---

<sup>8</sup> Cf. MANDONNET, *op. cit.*, p. 17-18.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 18 e nota 3.

monges permitem e até tocam os sinos, a pedido do conde, para desgarrar seus perseguidores. De manhã, o conde desaparece com as relíquias. Os monges só percebem isso mais tarde quando o sacristão teve de subir perto dos sinos e percebeu restos de argamassa e o esconderijo aberto. Podiam bem suspeitar do conde, mas ficaram quietos. Isto se deu por volta de 1357. O conde de Fondi guardou as relíquias em seu quarto por cerca de dez anos. Entrementes, Tomás apareceu à mãe do conde que estava doente; ele a toca e a cura. Reclamou também do pouco respeito com que seus restos eram tratados. Estes foram então levados para a capela do castelo e uma lâmpada foi acesa diante deles. Não tinha ainda decorrido um ano e Tomás apareceu de novo à mãe do conde e lhe disse que seu corpo não estava onde devia. A mãe do conde falou com seu filho e este com o provincial dominicano da Sicília, frei Felipe de Chieti. O conde não se recusava a entregar os ossos, mas queria fazê-lo apenas ao mestre geral da ordem. Este, frei Simão de Longres, preparava-se para reunir o capítulo geral em Nantes. Devia ser um capítulo de definidores<sup>10</sup>. Assim, o provincial da Sicília não estaria presente. Este enviou uma carta confidencial ao mestre geral por intermédio do definidor da Sicília, frei Francisco das Vigílias. No entanto, frei Simão foi nomeado bispo de Nantes na quaresma de 1366 e pediu demissão do cargo de mestre geral dos dominicanos. Não houve o capítulo de 1366 porque não havia mais tempo de convocar os eleitores do mestre geral. O papa Urbano V nomeou frei Elias de Toulouse Vigário Geral da Ordem com plenos poderes. Em lugar do capítulo de Nantes (1366), houve o capítulo de Avinhão em 1367 na festa de Pentecostes. O definidor da Sicília não estava a par destes detalhes e acreditava que estava indo para Nantes. Encontrou frei Elias, o vigário geral da ordem, e lhe entregou a carta de seu provincial. Frei Elias exultou e escreveu ao conde de Fondi. Este, finalmente, decidiu entregar de vez as relíquias de santo Tomás aos dominicanos. Mas, como fazê-lo? As relíquias não lhe pertenciam porque ele as tinha subtraído à abadia de Fossa Nova. Dá-las aos dominicanos, seria se expor às reclamações

---

<sup>10</sup> O definidor é um frade eleito no capítulo provincial de cada província da ordem para participar do capítulo geral quando este não for dos provinciais.

dos monges e mesmo das autoridades eclesiásticas. De todo modo, seria confessar o seu furto. No capítulo de 1367, em Avinhão, frei Elias foi eleito mestre geral dos dominicanos. Alguns meses antes, o papa Urbano V voltou para Roma<sup>11</sup>. Frei Elias, Frei Felipe e o conde de Fondi se encontraram em Roma. O mestre geral, frei Elias, pediu ao conde uma audiência para frei Felipe, provincial da Sicília. Combinaram que o conde entregaria as relíquias dia 11 de fevereiro de 1368. A entrega deveria ser feita em segredo e frei Elias jurou que jamais diria que as tinha recebido do conde de Fondi. De fato, este ficou em Roma e frei Elias foi para Fondi. O conde mandou para seu castelo um abade, um cavaleiro e um escudeiro encarregados de entregar as relíquias a frei Elias. Na noite do dia seguinte, 11 de fevereiro de 1368, frei Elias, frei Felipe e o prior do convento de Fondi se reuniram numa casa perto do convento de Fondi, para não despertar a atenção dos frades, e receberam dos enviados do conde a caixa contendo os ossos de Tomás de Aquino. Abriram-na, contaram os ossos e a fecharam de novo, selando-a com os selos do mestre geral dos dominicanos, do abade, do provincial da Sicília e do prior do convento de Fondi. A caixa tinha três fechaduras, cujas chaves foram entregues ao abade, ao mestre geral e ao provincial da Sicília. O mestre geral (frei Elias) e os dois outros dominicanos (o provincial da Sicília e o prior do convento de Fondi) voltaram para este e esconderam a preciosa caixa. Finalmente, os dominicanos tinham conseguido os ossos de santo Tomás, mas não podiam falar nada a respeito, pois os tinham obtido por participação no furto do conde de Fondi. Ora, Urbano V era beneditino e poderia tomar o partido da abadia de Fossa Nova. Os monges desta abadia poderiam, por seu lado, se queixar com justiça do furto de que foram vítimas. Nessas circunstâncias, o prior do convento dominicano de Fondi combinou com o mestre geral da ordem que ele iria à abadia de Fossa Nova e diria que estava cansado de ser dominicano e pediria o hábito beneditino. Na primeira ocasião que tivesse, subiria no campanário, abriria o lugar onde os restos de Tomás estiveram e

---

<sup>11</sup> Na realidade, Urbano V acabou voltando a Avinhão. Foi apenas seu sucessor, Gregório XI que retornou definitivamente a Roma.



fugiria como se fosse um ladrão, deixando tudo em desordem. Por seu lado, o mestre geral, frei Elias, deixaria Fondi e se refugiaria em Gaeta, aguardando. Tudo foi posto em prática e a finalidade da manobra era inocentar o conde de Fondi. O prior do convento dominicano de Fondi, fugindo de Fossa Nova, não se deteve em Fondi; foi para Gaeta e anunciou que os restos de santo Tomás não estavam mais em Fossa Nova e sim em um convento dominicano. Foi conduzido a frei Elias, que fingiu a maior surpresa e o escutou atentamente. Fez reunir os frades no coro e cantou-se um *Te Deum*. O rumor de que os restos de Tomás estavam em Gaeta se espalhou. O bispo mandou tocar os sinos durante toda a noite e pela manhã veio ao convento dos dominicanos felicitar o mestre geral. Assistiu no coro à missa solene cantada em honra de santo Tomás. Além disso, o bispo e os burgueses fizeram ao mestre geral e aos religiosos reunidos em capítulo valiosas ofertas. Lembrou o bispo que santo Tomás, quando vivo, gostava de repetir que pertencia à *pregação* ou aos *termos* de Gaeta. Esta cidade daria 5.000 florins e três burgueses mais 3.000 para que fosse construído um túmulo digno de santo Tomás. A cidade tomaria também a seu encargo sessenta religiosos, um mestre de teologia e seu bacharel residentes no convento de Gaeta.

O que frei Elias diria, porém, ao papa? Havia beneditinos em Gaeta e estes avisaram os monges de Fossa Nova. Estes, ou diriam que os ossos tinham sido furtados dez anos antes pelo conde de Fondi, ou acusariam o prior do convento dominicano de Fondi. Tomaram esta segunda atitude, pois, se escolhessem a primeira, teriam de confessar que nada fizeram para recuperá-los. Em compensação enviaram alguns dos seus a Gaeta para se informar junto ao bispo, os cônsules e priores municipais sobre o local onde se encontrariam os ossos de Tomás. Nada de positivo foi obtido e não se atreveram ir ao convento dominicano. Então, o abade de Fossa Nova enviou um advogado ao papa Urbano V para denunciar frei Elias, acusando-o de ter furtado os restos de santo Tomás de Aquino. Na Quarta-feira de Cinzas, o advogado Tiago de Seva apresentou-se ao papa e relatou a acusação. O papa teria ficado irritadíssimo e encarregou o cardeal de Beaufort de ordenar ao mestre geral dos dominicanos recolocar os restos de santo Tomás onde os tinha pego. Não foi, porém,

lavrada a sentença e, feita a acusação, seria normal ouvir a defesa. Os monges de Fossa Nova fizeram muito barulho e o abade demitiu o prior da abadia, o celereiro e outros oficiais. Alguns monges saíram mesmo em perseguição de frei Elias com a intenção de matá-lo. Sobre este recaía toda a acusação como instigador e até mesmo executor do furto. O prior de Fondi ficou em segundo plano. Frei Elias desejava que os ânimos se acalmassem. Em vez de ir diretamente a Roma, foi para Nápoles. Aí encontrou vários personagens importantes: o rei e a rainha de Chipre, o imperador de Constantinopla, o cardeal Aigrefeuille, protetor da ordem dominicana. Todos o receberam bem. Encontrou mesmo uma sobrinha de Tomás que era religiosa franciscana. Mas as notícias vindas de Roma eram alarmantes. Pediu, então, à rainha Joana do reino das duas Sicílias, ao rei de Chipre e a diversos senhores do reino para intercederem a seu favor junto ao papa. Tudo em vão. Resolveu então ir ao papa Urbano V. Temeroso, ficou em Velletri e depois em Tivoli, deixando o cardeal Aigrefeuille dirigir-se a Roma para dar conta ao papa da situação e tentar abrir caminho para uma acomodação. Urbano V estava longe disso. Na véspera da Páscoa, fez o processo de frei Elias e decidiu excomungá-lo, bem como os que o favorecessem. A minuta do decreto foi preparada. Frei Elias foi informado do que se passava e ficou na dúvida: não sabia se ia embora (poderia fugir para a Alemanha) ou se enfrentava a cólera do papa – este o tinha estimado muito e talvez esta estima e afeição do passado abrandasse sua raiva e permitiria que frei Elias se defendesse. Enfim, decidiu-se e chegou a Roma na quarta-feira de cinzas, mas ficou escondido dois dias entendendo-se com seis cardeais amigos da ordem dominicana: Guilherme Sudre, dominicano, cardeal de Beaufort, cardeal Guilherme, bispo de Ostia, cardeal de Limonges, sobrinho de Clemente VI, cardeal Hugo de São Marcial e o cardeal Gil Asselin, antigo bispo de Teruana. O cardeal de Aigreville, protetor da ordem, já tinha partido de Roma. Às instâncias dos seis cardeais, Urbano V concedeu uma audiência a frei Elias no sábado *in albis*, oitava da Páscoa. Este não estava nada seguro. Entrou antes na sala em que o papa ia recebê-lo e onde se encontravam vários cardeais. Depois de cumprimentá-los, frei Elias disse que talvez fosse melhor ficar atrás da porta e os cardeais o

advertiriam sobre o humor do papa. Se estivesse de bom humor ele entraria. Se estivesse descontente ou pouco disposto, os cardeais fariam como julgassem melhor, pois a presença de frei Elias poderia irritá-lo mais ainda. Os cardeais ficaram de acordo e frei Elias retirou-se para a antecâmara. Em seguida Urbano V entrou com ar radioso e frei Elias foi avisado. Ia entrando na sala quando, virando-se por acaso, viu atrás de si o advogado Tiago Seva. Frei Elias hesita e sussurra ao camareiro que introduzia os convidados e que ele conhecia bem: “Sr. Bertrand, se este advogado entrar comigo, a questão de santo Tomás está perdida”.

Entrando na sala, Frei Elias dirigiu-se ao papa, de joelhos, desejando-lhe uma vida longa e feliz. O papa respondeu: “Ladrão, vós vindes a propósito; fostes vós quem roubastes os ossos de Tomás?” Frei Elias respondeu por sua vez que Tomás “era nossa carne e nosso irmão”, dando a entender que não é possível roubar o que é seu. Urbano V o chamou para beijar seu pé e sua mão e o abraçou paternalmente. O papa perguntou a frei Elias onde tinham colocado os ossos e frei Elias disse que em lugar nenhum e que seria onde o papa o quisesse. O papa acrescentou que faria justiça, ao que frei Elias disse que consideraria sempre a justiça do papa como uma graça. Urbano V fez um elogio dos dominicanos dirigindo-se aos cardeais presentes, disse que não temia que as heresias se multiplicassem, desde que a ordem dominicana durasse. Em seguida, convidou frei Elias para almoçar com ele no domingo seguinte. Alguns dias depois, o papa adoeceu, mas recuperou a saúde por volta da festa de Pentecostes. Foi então a Monte Fiascone com a corte papal. Frei Elias tomou o mesmo caminho, detendo-se antes no convento de Viterbo. Aí encontrou o procurador geral da ordem e lhe disse que, em vez de celebrar a festa do Corpo de Deus com a comunidade de Viterbo, iria direto para Monte Fiascone. Pensava ele que santo Tomás, tendo composto o ofício da festa e tendo escrito coisas tão admiráveis sobre a eucaristia, o papa podia bem conceder à ordem algum favor neste dia. Entrando na capela papal, frei Elias foi bem recebido pelo cardeal de Beaufort, que o encorajou a aproveitar a ocasião para pedir ao papa a concessão do que ele tanto desejava. Depois das vésperas, Urbano V concedeu uma audiência. Frei Elias participou dela e dirigiu-se ao papa, dizendo que a solenidade do

dia relembrava que santo Tomás tinha composto o ofício do Santíssimo Sacramento a pedido de Urbano IV. O papa, gracejando disse: “Nego isto – prove-o”. Frei Elias não teve dúvida: apresentou suas provas e acrescentou que, a pedido do mesmo papa, Tomás compôs um admirável comentário do evangelho<sup>12</sup>. O papa concordou e perguntou a frei Elias o que ele pretendia concluir disso. Era a dica que ele estava esperando: já que Urbano IV, de feliz memória, impôs tão importantes trabalhos a santo Tomás e que ele era Urbano V, pela graça de Deus, suplicava que concedesse ao santo as honras que ele merecia. “Que honras posso eu conceder-lhe?”, disse o papa. “Santíssimo padre, que ele permaneça entre seus irmãos, os Pregadores, que o honrarão melhor do que ninguém”, respondeu frei Elias. O papa, que era beneditino, não deixou por menos: “Como? Será que minha ordem de são Bento não é mais capaz de honrar santo Tomás do que a vossa, que não é nada?”. Com humildade, frei Elias concordou que a ordem de são Bento era muito poderosa; perto dela a ordem dominicana não passava de um grãozinho de areia, ou melhor, não era nada. No entanto, a ordem de são Bento conta com tantos santos que ela tem dificuldade em festejá-los todos, ao passo que a ordem dos pregadores, que o papa ama particularmente, como ele próprio o disse várias vezes, tem apenas dois santos, além de santo Tomás. Se o papa o concedesse a esta, ela o honrará, portanto, de um modo todo especial. O papa refletiu por um momento, convidou a todos a se aproximarem e pronunciou a sentença:

Pela autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo e pela Nossa, nós damos e concedemos a vós, Mestre Geral e à ordem dos frades pregadores, o corpo do bem-aventurado Tomás de Aquino, professo desta ordem, para ser colocado em Toulouse ou Paris, de acordo com o que crer melhor o próximo capítulo geral e o mestre da ordem. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Tratava-se da parte da *Catena Aurea* (*Corrente de ouro*), coletânea de textos patrísticos acompanhando o texto do evangelho, referente ao evangelho de são Mateus.

<sup>13</sup> Cf. MANDONNET, *op. cit.*, p. 17-18.

Os assistentes disseram Amém e frei Elias caiu nos joelhos do papa para lhe dar graças. No dia seguinte, frei Elias veio de novo agradecer o papa e este lembrou que tinha dado as relíquias de santo Tomás a ele e à ordem dominicana, deixando ao capítulo geral desta a fixação do lugar onde estas deveriam ficar. Acrescentou que tinha pensado melhor e queria lhes poupar este trabalho escolhendo ele mesmo o lugar para as relíquias: a igreja do convento dominicano de Toulouse. Isto por quatro razões. A primeira é que são Domingos fundou a ordem dominicana em Toulouse. Ele estava enterrado em Bolonha e ainda que frei Elias o pedisse, o papa não concederia que fosse levado para Toulouse para não privar a Itália de tão grande tesouro. Em compensação o papa concedia os despojos de santo Tomás para a igreja do convento dominicano de Toulouse. Em segundo lugar, frei Elias tinha solicitado que se desse a santo Tomás as maiores honras. Ora, aos olhos do papa, Toulouse era a cidade mais religiosa que ele conhecia e seus habitantes teriam para com santo Tomás a maior devoção. Terceiro, havia em Toulouse uma nova faculdade de teologia e ele desejava que esta seguisse a doutrina firme de santo Tomás, ordenando a todos os clérigos que se reuniam todas as semanas na igreja dominicana seguir a sua doutrina. Enfim, como santo Tomás se distinguia pela clareza e beleza de seus ensinamentos, que ele fosse colocado no lugar mais belo e conveniente que se possa achar. Ora, os dominicanos têm em Toulouse uma grande e magnífica igreja. Em seguida, o papa perguntou a frei Elias se ele tinha a cabeça de santo Tomás. Tendo este respondido que não, o papa lhe perguntou se sabia onde ela se encontrava. Frei Elias disse que sim: em Piperno, numa casa do abade de Fossa Nova, bem guardada num pequeno cofre fechado a quatro chaves entregues a diferentes pessoas. O papa deu então a cabeça a frei Elias para que ela fosse levada para Toulouse junto com os outros despojos. Era, no entanto, preciso recuperá-la. Isto foi feito por frei Guilherme de Lordat, Tolosano e coletor apostólico na Campanha, munido de uma bula que obrigava, sob pena de excomunhão, a todos os detentores da cabeça e dos outros restos de santo Tomás a entregá-los a ele. Frei Guilherme se apresentou ao convento de Fondi e recebeu os restos de Tomás que ali estavam; dirigiu-se a Piperno e recebeu a cabeça. Em seguida, foi a Monte Fiascone entregar tudo ao papa, que depositou as relíquias na capela e as concedeu solenemente ao mestre geral dos dominicanos, frei Elias, no dia

4 de agosto de 1368 (festa da são Domingos), para serem transferidas para Toulouse. O próprio papa organizou o modo de fazer a translação. Queria que a cabeça e os ossos fossem envolvidos em tecidos preciosos e colocados num cofre com as armas do papa pintadas no lado de fora. A este devia ser anexada a bula de translação. Tudo devia ser coberto com um saco preto ou marrom e transportado por dois frades. Frei Elias e um acompanhante deviam seguir à distância de meio dia de maneira a almoçar no lugar onde eles tivessem estado pela manhã e jantar onde eles tivessem almoçado. Combinariam com os dois frades alguns sinais para saberem se não lhes tinha acontecido nada de importuno. Ao chegarem a Toulouse depositariam as relíquias na capela dita *de Feretra* (dos Fétretos) para esperar o clero e os fiéis, a fim de introduzi-las com pompa na igreja dos dominicanos.

Nas portas de Florença, em guerra com as cidades vizinhas, os dois frades foram detidos e revistados, mas o burro que carregava as relíquias passou sem chamar atenção. O mesmo se deu na saída da cidade e chagaram a Bolonha sem dificuldade. Aí, o cardeal de Albano, parente do papa e vigário apostólico, enviou aos dois frades seu auditor, Gerardo Testa, com uma escolta de honra, que os acompanhou até Rivoli. Chegaram em Prouille na véspera do Natal e as relíquias ficaram no mosteiro das monjas dominicanas por um mês, sem que ninguém soubesse de nada. Na partida de Prouille, às portas do mosteiro, uma mocinha, tida como morta, voltou à vida. Sexta-feira, 26 de janeiro de 1368, pararam em Avignonet e sábado em Villefranche, onde celebraram a missa. Pararam também em Montgiscard, onde uma velha paralítica e um rapaz cego, surdo e mudo foram curados. No domingo, 28 de janeiro, na aurora, os despojos foram depositados na capela *de Feretra*. Compareceram o príncipe Luís de Anjou, irmão do rei da França, Carlos V, um numeroso cortejo de nobres e religiosos paramentados, carregando relíquias; uma multidão de clérigos e fiéis, avaliada em 150.000 pessoas, das quais mais de dez mil traziam tochas acesas. No cortejo havia os arcebispos de Toulouse e Narbona, os bispos de Lavaur, Béziers e Aire, os abades de São Saturnino e Simorra. Vários prelados, que não puderam comparecer por causa da guerra que afligia a região, enviaram cartas pedindo desculpas. O pároco de Daurade e o arcebispo de Narbona fizeram o elogio do santo. As relíquias foram

transportadas, sob um baldaquino de tecido de ouro, oferecido pelo duque de Anjou e carregado por ele e vários outros senhores nobres, sobre os ombros de religiosos. Havia vários estandartes com as armas do rei, do papa, do duque de Anjou, da cidade de Toulouse e da família Aquino. Foi cantada uma missa solene na igreja dos dominicanos. No ofertório, o duque Luís ofereceu 50 francos de ouro e prometeu mais mil para se fazer um relicário mais precioso. O aniversário da translação é celebrado na ordem dominicana a 28 de janeiro, atualmente festa de santo Tomás, pois a data de sua morte (07 de março) cai sempre na quaresma.

Para agradar o rei da França e compensar a universidade de Paris por não ter ficado com as relíquias, Urbano V concedeu ao convento de São Tiago o úmero do braço direito. O osso foi colocado na capela de santo Tomás no convento de São Tiago; por vontade do rei Carlos V esta passou então a se chamar capela real. Aí permaneceu esta relíquia até a Revolução Francesa. O então prior do convento entregou-a junto com outras ao duque de Parma, Ferdinando III de Bourbon, devoto de santo Tomás. Mais tarde, a filha de Ferdinando se fez dominicana e levou a relíquia para o mosteiro de São Domingos e São Sixto em Roma. Em 1873, Pio IX teve reumatismo e corria perigo de morte. Preparava-se a celebração do sexto centenário da morte de Tomás. O papa se recomendou às orações do santo e desejou venerar uma de suas relíquias. Levaram-lhe o osso que estava com as monjas e o aplicaram às partes doentes, Pio IX se sentiu aliviado e ficou curado. Como reconhecimento, mandou colocar o osso num magnífico relicário. Estando o mosteiro ameaçado de supressão, entregou-o aos dominicanos do convento da Minerva. O convento de Nápoles herdou o úmero do braço esquerdo e, em 1604, tendo a população de Nápoles reconhecido a intervenção benfazeja de santo Tomás durante uma peste aterradora, foi transportado em triunfo para a igreja metropolitana, onde se encontra. Outras cidades e numerosos conventos obtiveram outras relíquias menores. Durante as guerras de religião, Toulouse ficou seis dias nas mãos dos calvinistas. A igreja dos dominicanos foi saqueada e o relicário de santo Tomás despojado de suas riquezas, mas os ossos ficaram intactos de acordo com uma ata de 1587. Entre 1623 e 1627, foi construído na igreja dos dominicanos um “mausoléu de santo Tomás”,

do qual não resta nenhum vestígio. Em 11 de junho de 1790, na presença do bispo cismático de Toulouse e de seu clero constitucional, houve uma outra translação das relíquias de Tomás de Aquino para a cripta da igreja de São Sernin com os relicários em que se encontravam. Em 27 de julho de 1794, o relicário foi despojado do ouro e da prata que os recobriam, mas as relíquias não foram tocadas. Em 1795, o padre Du Bourg, vigário geral do bispo de Fontanges, fez um reconhecimento das relíquias; tendo se tornado bispo de Limoges, pôde assistir a um segundo exame, em 1807, feito por ordem do arcebispo de Toulouse, Dom Primat. Todas as relíquias que se encontravam em São Sernin, as de Tomás e as outras, foram reconhecidas como autênticas e oferecidas de novo à veneração dos fiéis. Em 1825, os ossos do corpo foram colocados num novo relicário, elevado acima do altar do Espírito Santo no fundo da abside e, em 1852, a cabeça foi retirada do busto de madeira dourada no qual se encontrava encerrada desde a revolução e colocada num relicário. O padre Lacordaire fez o panegírico de Tomás e decidiu-se que os dominicanos teriam de novo um convento em Toulouse, berço da ordem, o que foi realizado a partir do ano seguinte. Em 24 de julho de 1878, Dom Floriano Desprez, arcebispo de Toulouse, depois cardeal, substituiu o humilde cofre de madeira contendo as relíquias por um relicário de ouro e esmalte. O arcebispo, de joelhos, retirou uma por uma as relíquias e as entregou ao vigário geral da ordem dominicana, na presença de outros bispos, dos três provinciais dominicanos da França, de grande número de religiosos, padres e fiéis. Havia 21 ossos perfeitamente conservados e de grande dureza, que foram reconhecidos por dois médicos e designados por seus nomes na ata. Depois disso, o arcebispo os colocou numa caixa de ébano com uma placa de prata cinzelada com as armas de Santo Tomás. A caixa foi fechada e selada com os selos do arcebispo, da cidade de Toulouse e do vigário geral da ordem dominicana. À noitinha, Dom Cabrières, bispo de Montpellier fez o panegírico de Tomás e elogio de suas obras. Terminando, exprimiu o voto de que a cabeça e demais relíquias de Tomás viessem repousar de novo entre seus irmãos na igreja de Toulouse, como Urbano V tinha escolhido. Enfim, em 21 de outubro de 1974, os restos mortais de Tomás voltaram à igreja dos Jacobinos, conforme a ata transcrita no Anexo A.



Esta é a narrativa padrão a respeito das peripécias em torno das relíquias de santo Tomás de Aquino. Pode ser lida, por exemplo, em Mortier, D. A. *Histoire des maîtres généraux de l'ordre des frères precheurs*. Paris: Alphonse Picard et Fils, 1904-1914, v. 3, p. 407-441 ou em Joyau, C. A. *Saint Thomas d'Aquin*. Lyon: Librairie Générale Catholique et Classique, 1895, p. 343-368. Ambos reproduzem Raymundus Hugónis, *Historia translationis corporis S. Thomae*, in *Acta Sanctorum*, VII martii, Antuérpia: Jacobus Mersius, 1668, p. 723-731, traduzida em francês por Cartier, E. *Histoire des reliques de Saint Thomas d'Aquin*. Paris: Sagnier et Bray, 1854, p. 15-55. A tradução é considerada por Räsänen, M. *Thomas Aquinas Relics*. Amsterdam: University Press, 2017, p. 15, como “rather free”. Há um estudo sobre a *Historia* por Mews C. J. *The Historia translationis sacri corporis Thomae Aquinatis of Raymundus Hugonis*, In: Räsänen, M. *et alii, Relics, Identity and Memory in Medieval Europe*. Turnhout: Brepols, 2016, p. 257-281. Mews percorre toda a *Historia translationis*, faz comparações de seu conteúdo com uma versão prévia sua, contida num legendário dominicano conservado em Bolonha (ao passo que a versão padrão vem de um manuscrito de Toulouse), e com as lições de matinas no ofício da festa da translação (28 de janeiro)<sup>14</sup>. Indica também conexões entre a translação e os interesses da família Aquino, do papa, dos monges de Fossa Nova, das cidades envolvidas, das autoridades seculares (reis, príncipes, condes) e dos dominicanos sobretudo.

## 1 A SEGUNDA CABEÇA

Em 29 de dezembro de 1585, João Vièlés, prior de Fossa Nova descobre uma cabeça, que ele supõe ser de Tomás de Aquino. Ela teria sido emparedada, quando frei Guilherme de Lordat veio à abadia, na igreja um pouco acima do túmulo de Tomás. Os monges teriam entregue a frei Guilherme, enviado do papa, uma outra cabeça, a que estará em Toulouse. Até 1772, esta segunda cabeça ficou mais ou menos desconhecida. Na festa de santo Tomás (07 de março de 1772), um fato extraordinário a tirou do silêncio. A gordura e o

---

<sup>14</sup> RÄSÄNEN, M. *Thomas Aquinas Relics*. Amsterdam: University, 2017. p. 261-265; 278-279.

sangue que tinham sido retirados da cabeça e guardados no sacrário e que tinham secado se liquefizeram, primeiro parcialmente e, postos em presença da cabeça, totalmente. Esta se tornou na ocasião branca e brilhante. Este fenômeno se repete a 31 de maio e 09 de junho de 1772, quando o bispo de Piperno, Francisco Odoardi, veio certificar-lo. Depois do pontificado de Urbano V (1362-1370) esta cabeça, dita de santo Tomás, e as outras relíquias que havia em Fossa Nova foram levadas para a igreja de São Bento em Piperno<sup>15</sup>.

Nas décadas de 1950 e 60, dizia-se no convento dos dominicanos nas Perdizes em São Paulo que havia uma segunda cabeça de santo Tomás em Bolonha. Fazia-se inclusive brincadeira dizendo que Tomás de Aquino tinha duas cabeças, uma para a teologia e outra para a filosofia. De acordo com declaração do Frei Mariano Forassolo O.P., que estudou em Bolonha, esta cabeça é inexistente. Talvez se trate da que está em Piperno, atualmente, Piverno.

Na Idade Média havia doze igrejas que diziam possuir a cabeça da são João Batista, verdadeira hidra sagrada ou até mais, já que esta tinha apenas sete<sup>16</sup>. Tomás, quando muito poderia concorrer com Jano Bicéfalo, ou melhor, Bifronte.

De todo modo, Tomás no sul da Itália é sobretudo um santo milagreiro, até mesmo especializado na cura de problemas causados por excessos em matéria de comida e bebida<sup>17</sup>. Ao contrário, em Paris, não se mencionam milagres. Tomás é de preferência um universitário. Aliás, esta é a caracterização que consta do título do capítulo escrito por Verger, citado acima<sup>18</sup>.

---

<sup>15</sup> A história desta segunda cabeça pode ser acompanhada em CARTIER, E. **Histoire des reliques de saint Thomas d'Aquin**. Paris: Sagnier et Bray, 1854. p. 56-91. Räsänen, *Op. cit.*, p. 150, data esta translação em 1810. Cartier se baseia em um escrito de Magnani Valenti, também citado por Räsänen (p. 150, nota 65) e deixa a questão de sua autenticidade em aberto. Cartier faz uma crítica cerrada do escrito de Magnani Valenti.

<sup>16</sup> Cf. BURNS, E. Mc. **História da civilização ocidental**. Porto Alegre: Globo, 1948. p. 455.

<sup>17</sup> RÄSÄNEN, *Op. cit.* p. 162-168. André Vauchez em sua contribuição para as atas do Colóquio Internacional 558, 1274, *Année Charnière*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1977, p. 753-767, menciona várias vezes a importância do ensino de Tomás para sua canonização. No entanto, TORRELL, 2015, p. 376-378, não deixa de relativizar esta afirmação.

<sup>18</sup> Cf. nota 3.

Outras dicotomias vão ocorrer à biografia de Tomás. Uma delas, apesar de persistente, não deixa de enviesar a apresentação deste, pois Tomás jamais se considerou um filósofo. Além de ser docente da faculdade de teologia, ele próprio quando se permitiu deixar ver uma nesga de suas opções pessoais se identificou como o que chamaríamos hoje um santo e um teólogo. A passagem é bem conhecida:

Assumindo pois, por piedade divina, a confiança de seguir o ofício do sábio, embora exceda as próprias forças, o propósito de nossa intenção é, na medida que pudermos, manifestar a verdade que a fé católica professa, eliminando os erros contrários; com efeito, para usar das palavras de Hilário (*Sobre a Trindade*, Liv. I, cap. 37) “eu estou consciente de que devo a Deus isto, ou seja, o principal ofício de minha vida: que toda palavra e sentimento meu falem dele”<sup>19</sup>.

Se ainda restasse alguma dúvida, bastaria lembrar que recusou o abaciado do Monte Cassino, o arcebispado de Nápoles, o chapéu cardinalício. Quanto a este, em sua última viagem, quando seu secretário e amigo Reginaldo alude à sua recepção junto com Boaventura, no segundo concílio de Lião, Tomás retruca: “Reginaldo, em nenhum estado posso ser tão útil a nossa ordem, como neste”. Reginaldo ainda insistiu e Tomás continuou firme, cortando a palavra deste: “Reginaldo, esteja seguro de que eu nunca e para sempre mudarei de estado”<sup>20</sup>. É claro que “estado” aí significa sua condição de membro de uma ordem religiosa – os dominicanos. Mas, há certamente referência também à função de Tomás como docente da sagrada doutrina, o ensinamento cristão.

Ora, já no século XIII Tomás tinha maior aceitação na faculdade de artes, onde se estudava o trívio (gramática, dialética ou lógica e retórica) e o quadrívio (aritmética, geometria, harmonia e astronomia), bem como as obras de Aristóteles, o Filósofo por excelência para os universitários do século XIII, do que na faculdade de que era professor, a faculdade

---

<sup>19</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*. São Paulo: Nova Cultural, 2000b. liv. I, cap. 2.

<sup>20</sup> Processo de Nápoles. LXXVIII. p. 317-318.

de teologia. Tomás dava tanto “Ibope” que alguns artistas (como eram denominados os professores da faculdade de artes) simplesmente copiavam seus textos, suprimindo aquilo que era diretamente teológico<sup>21</sup>. Na carta que enviaram ao capítulo dos dominicanos, citada no início deste texto, terminavam pedindo alguns textos antigos e do próprio Tomás.

A partir da encíclica *Aeternis Patris* de Leão XIII (1879), o estudo de Tomás de Aquino teve um grande florescimento na Igreja Católica. Multiplicaram-se os manuais de filosofia no espírito de santo Tomás (*ad mentem sancti Thomae*). Multiplicaram-se também estudos de sua obra mais cuidadosos e que procuravam ter em conta as suas circunstâncias históricas. Uma grande parte desses estudos abordava algum aspecto da filosofia de Tomás de Aquino. Houve inclusive livros que pretendiam apresentar a filosofia de Tomás, mas fugindo do estilo dos manuais. Dois exemplos típicos são o *Le thomisme*, de Etienne Gilson, que atingiu seis edições<sup>22</sup>, e o *Tomás de Aquino, Um perfil histórico-filosófico*, de Pasquale Porro, de 2012. Sintomaticamente, os dois iniciam mencionando longamente os cuidados a se ter quando se pretende apresentar a filosofia de Tomás. Chegou a haver um artigo em que seu autor inverte uma fórmula usada pelos medievais: em vez da “teologia dos filósofos” ele se propõe a falar da “filosofia dos teólogos”<sup>23</sup>.

Uma outra dicotomia se dá entre teologia escolástica e teologia espiritual ou, numa terminologia mais recente, teologia sistemática e mística ou ainda, como diz o autor que parece exemplificar claramente esta dicotomia, teologia forte e teologia fraca<sup>24</sup>.

Uma leitura mais correta de Tomás seria que ele subsume a filosofia na teologia (forte ou escolástica), a teologia que se aprende pelo estudo e esta na sabedoria, dom do Espírito Santo. Quanto ao primeiro par, o

---

<sup>21</sup> Cf. LOTTIN, O. Saint Thomas d’Aquin à la faculté des arts de Paris aux approches de 1277. *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale*, v. 16, p. 292-313, 1949.

<sup>22</sup> A 6ª edição é de 1986.

<sup>23</sup> SOLÈRE, J.-L. La philosophie des théologiens. In: SOLÈRE, J.-L. E KALUZA, Z. *La servaute et la consolatrice*. Paris: J. Vrin, 2002.

<sup>24</sup> Referimo-nos a DE LIBERA, A. *Raison et foi*. Paris: Seuil, 2003, sobretudo o cap. VI.

próprio Tomás se exprimiu referindo-se ao topos da água e do vinho. Os que usam argumentos filosóficos na teologia não estão misturando água da filosofia no vinho da Escritura, mas transformando a água em vinho<sup>25</sup>. Os argumentos em questão continuam filosóficos, mas são formulados em contexto teológico. Tomás está fazendo teologia, mas a formulação de seus argumentos é filosófica. Estes não são anulados, nem eclipsados nem substituídos. Ao contrário, são estabelecidos no pleno exercício racional<sup>26</sup>. Por outro lado, o ápice do conhecimento teológico não é a teologia que se ensina na faculdade de teologia e que se aprende pelo estudo. Esta aspira por sua realização plena na visão de Deus em si mesmo, o que só se realiza na bem-aventurança eterna, mas pode de algum modo ser antecipado como dom do Espírito Santo<sup>27</sup>.

Certamente não é vedado escrever sobre Tomás de Aquino como santo, como teólogo (docente da doutrina sagrada) como espiritual ou místico, como filósofo etc. Mas, ao fazê-lo, seria preciso ter em conta que se trata de uma abstração, isto é, da consideração à parte de um aspecto que não se dá separadamente, quer dizer, faz parte de um todo, este sim dotado de independência e constituindo uma personalidade multifacetada, cujas facetas não se justapõem, mas se compenetram e se implicam umas às outras. Seria possível então dizer que Tomás de Aquino efetivou em si mesmo o que indica como sendo a meta pela qual aspiram todos: “[...] a intenção comum de todos foi reconduzir a multiplicidade à unidade e a variedade à uniformidade, de acordo com o que fosse possível”<sup>28</sup>.

---

<sup>25</sup> Tomás de Aquino. *De Tr. Boettii*, q. 2, a. 3, 5º arg. e ad 5ºm.

<sup>26</sup> HAYEN, A. *Saint Thomas d'Aquin et la vie de l'Église*. Louvain; Paris: Publications Universitaires; Desclée de Brouwer, 1952. p. 320 e ss.

<sup>27</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia*. Iª, q. 1, a. 6, ad 3ºm. Uberlândia: EDUFU, 2005. O Pe. M. D. Chenu formulou isso de maneira lapidar ao lembrar que uma ciência subordinada a uma outra apela intrinsecamente para o conhecimento desta outra: “isto mesmo pelo que a teologia é ciência é pelo que ela é ‘mística’. A teoria da subalternação não é senão a fórmula técnica desta exigência estrutural do saber teológico” (CHENU, M. D. *La théologie comme Science au XIII<sup>e</sup> siècle*. 3. ed. Paris: J. Vrin, 1969. p. 74).

<sup>28</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a verdade*. São Paulo: Nova Cultural, 2000a, q. 5, a. 9.

Talvez se possa desejar, como Umberto Eco, que um Tomás redivivo na atualidade “mudaria o método argumentativo, que se tornaria um pouco menos harmônico e conciliante”<sup>29</sup>. Ou então, dados os radicalismos vigentes, será que não seria o caso de aprender com ele “um método de conciliação das tensões e de englobamento não conflitivo de tudo aquilo que não pode ser evitado. Foi ele quem ensinou a individualizar as contradições para, em seguida, mediá-las harmonicamente”<sup>30</sup>.

Não foram apenas os ossos de Tomás de Aquino que andaram perambulando pela Itália e pela França. O filósofo René Descartes (31 de março de 1596 – 11 de fevereiro de 1650) teve sorte semelhante. Aliás, antes de entrarmos propriamente no assunto, o filósofo francês por excelência passou a maior parte de sua vida fora da França<sup>31</sup> e morreu em Estocolmo, onde tinha ido a convite da rainha Cristina. Aí começa a peregrinação de seus ossos, que serão, no final das contas, tratados como verdadeiras relíquias, recebendo uma atenção igual à dispensada às relíquias dos santos<sup>32</sup>.

Descartes morreu na casa do embaixador da França na Suécia, Pierre Chanut, vitimado por uma pneumonia. Onde enterrá-lo? A rainha não tinha dúvida: na igreja de Riddarholm, local de sepultura dos reis suecos. Chanut achou que era uma grande honra, mas não era conveniente: Descartes era católico e a França também; não era, portanto, conveniente que fosse sepultado em solo luterano. Afinal, de madrugada, o filósofo foi enterrado num pequeno cemitério, destinado sobretudo a órfãos, na

---

<sup>29</sup> ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 342.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 341.

<sup>31</sup> Ver a cronologia em CHEVALIER, J. **Historia del pensamiento**. Madri: Aguilar, 1969, v. 3. p. 241-242, nota I.

<sup>32</sup> Cf. BERETTA, M.; CONFORTI, M.; MAZZARELLO, P. (Eds.). **Savant Relics: brains and remains of scientists**. Sagamore Beach: Watson, 2016. De acordo com Robert D. Hicks, resenhista desta obra para *Isis*, 109 (2018-1), p. 154-155, a contribuição de Ludmilla Jardanova, *Science, Memory and Relics in Britain*, p. 157-181, merece especial atenção por estudar a própria noção de “reliquia” no contexto da história da filosofia e ciência, bem como o papel que desempenha nesta.

periferia de Estocolmo<sup>33</sup>. Aí os restos mortais de Descartes repousaram até 1º de maio de 1666. Nesse interim, Cristina converteu-se ao catolicismo, abdicou do trono em 1654 e foi para Roma. Chanut voltou para a França em 1651 e morreu em 1662. O novo embaixador da França em Estocolmo foi Hugues de Terlon, um piedoso membro da ordem dos cavaleiros de são João. Em suas atividades diplomáticas coletava relíquias para a rainha regente, Ana da Áustria. Foi ele quem foi encarregado de exumar os ossos de Descartes, por ordem do governo francês, com permissão concedida pelo governo sueco. Uma vez desenterrado, o caixão tinha apodrecido e o que restava eram apenas ossos separados, que o embaixador depositou depois numa caixa de cobre com 75 centímetros de comprimento, o suficiente para os ossos mais compridos das pernas. Terlon providenciou também que soldados suecos, sob o comando do capitão Isak Planström, tomassem conta da caixa dia e noite. Como estava sendo transferido para Copenhagem, levou consigo a caixa contendo os ossos de Descartes. Antes de partir, porém, realizou uma cerimônia de transferência na capela de sua casa, quando os ossos foram retirados do caixão e colocados na caixa de cobre. Nesta ocasião, Terlon teve permissão dos padres católicos presentes para guardar o dedo indicador da mão direita do morto.

Saíram ele e seu grupo de acompanhantes de Estocolmo em junho de 1666 rumo a Copenhagem. Dois membros desse grupo, o senhor De l'Épine e o senhor Du Rocher cuidavam especialmente da caixa contendo os ossos e, a partir de Copenhagem chefiaram o grupo de traslado atravessando a península da Jutlândia, o litoral do Mar do Norte, a baixa Saxônia, as planícies das Flandres, atingindo a cidade de Peronne no norte da França. Os oficiais da alfândega desconfiaram de um pacote com a aparência de um monte de pedras que recobria uma caixa de cobre. Acabaram por

---

<sup>33</sup> Os dados a seguir sobre os despojos de Descartes provêm principalmente de um apêndice a ADAM, Charles. **Vie et oeuvres de Descartes: étude historique.** Supplément à l'édition de Descartes publiée sous les auspices du ministère de l'instruction publique. Paris: L. Cerf, 1910. v. 12. p. 617-628 e de SHORTO, R. **Os ossos de Descartes.** São Paulo: Objetiva, 2013; Cf. também, BERETA, M. Heroes, martyrs and saints, the perilous Fate of Savant Relics. In: BERETTA, M.; CONFORTI, M.; MAZZARELLO, P. (Eds.). **Savant Relics: brains and remains of scientists.** Sagamore Beach: Watson, 2016. p. 18-42.

abri-la e acharam um punhado de fragmentos de ossos sobre os quais se encontravam alguns ossos inteiros.

Três meses depois, em janeiro de 1667, chegaram a Paris. Dirigiram-se à casa de Pierre d'Alibert, tesoureiro geral da França, um cartesiano, ocupando o posto mais elevado no governo. Outros cartesianos ficaram logo sabendo da chegada. Entre eles Jacques Rohault, Madame de Sévigné e Claude Clerselier. Este último desempenharia um papel importante. Os bens de Descartes, inclusive sua papelada (cartas, escritos não publicados) foram enviados de Estocolmo a Clerselier por navio. Na altura de Rouen, a carga foi transferida para um barco, que naufragou próximo a Paris. Os escritos de Descartes, contidos numa caixa, ficaram três dias no fundo da água, sendo encontrados perto do local do naufrágio. Clerselier, com a ajuda de uma equipe de trabalhadores, recuperou os papéis e os pôs para secar.

Os despojos de Descartes foram colocados na capela de São Paulo, aí permanecendo até 24 de julho de 1667, quando foram levados para a igreja da abadia de Santa Geneveva, padroeira de Paris. Este segundo traslado se revestiu de toda pompa: um cortejo saiu da casa de d'Alibert até a igreja de São Paulo; depois que um padre abençoou os restos de Descartes em Santa Geneveva, foi apresentada uma série de documentos: relato do traslado de Estocolmo a Paris; declarações de Clerselier e Chanut (já falecido), certificado das autoridades religiosas sobre a fé católica inabalável de Descartes e a inocência de sua vida; carta de Cristina enviada de Roma. Clerselier juntou uma espada de cobre em que estavam gravados os detalhes do percurso a partir de Estocolmo até a cerimônia que estava se desenvolvendo e ainda os nomes dos presentes mais notáveis.

Tudo isso contribuiu para aumentar e solidificar a presença e a fama de Descartes, desde entre os alunos da universidade de Paris até em figuras importantes da sociedade e da Igreja. Esta repercussão era considerada subversiva e tanto a universidade como as autoridades políticas e eclesiásticas não deixaram de se manifestar contra os perigos das doutrinas cartesianas. Da parte da Igreja, em 1663, o Santo Ofício condenou quatro livros de Descartes e os colocou no Índice dos livros proibidos. Temia-se que o racionalismo de Descartes, a dúvida metódica, o dualismo corpo-mente, levassem ao ateísmo e à subversão



dos costumes; um ponto sensível era a doutrina da matéria identificada com a extensão, pois esta parecia incompatível com a presença real de Cristo na hóstia consagrada. Havia discussão contínua entre cartesianos e anticartesianos. Foi neste clima que surgiu a primeira biografia de Descartes pelo padre cartesiano Adriano Baillet<sup>34</sup>. Enquanto isso, os ossos do filósofo repousavam tranquilamente em santa Genoveva. Ou melhor, se decompunham tranquilamente, o mesmo acontecendo com a igreja onde se encontravam, tanto assim que, em 1744, o rei Luís XV se comprometeu a construir uma nova igreja. Ela foi, no entanto, construída em frente da velha, do outro lado da praça.

Quando aconteceu a Revolução Francesa de 1789, a construção da nova igreja estava chegando ao fim e, como foi o caso com outras igrejas e construções pertencentes à Igreja, foi tomada pelo Estado, secularizada e mudou de nome. Passou a ser o Panteon, dedicado aos grandes homens da França, aos homens famosos. Tal secularização não foi, porém, nada pacífica: multidões atacavam igrejas, palácios e claustros, destruindo pinturas e esculturas. Esta onda de vandalismo preocupou o Comitê de Instrução Pública para a Convenção Nacional. Deste comitê fazia parte Gabriel François Doyen. Este foi procurado por seu pupilo Alexandre Lenoir levando-lhe a sugestão de que alguém fosse encarregado de percorrer as construções destruídas e salvasse as obras de arte com valor histórico. A ideia seguiu os canais competentes e a tarefa foi atribuída ao próprio Lenoir, mandatado para tal, com dois assistentes e salário. O local para armazenamento do que fosse resgatado seria o antigo convento dos Petits-Augustins.

Apesar da construção de uma nova igreja de santa Genoveva, a velha, arruinada, foi mantida e abrigava túmulos e estátuas de santos, que foram, em 1792, objeto das multidões desejosas de apagar as lembranças do antigo regime. Quando o governo proibiu que aí se realizassem serviços religiosos, seu responsável recorreu a Lenoir, o chefe do “depósito dos monumentos”, novo nome do convento dos Petis-Augustins. Entre os túmulos da velha santa Genoveva estava o de Descartes, que agora fazia parte dos “grandes homens” da França. Seria o caso de “panteonizá-lo”,

---

<sup>34</sup> BAILLET, Adriano. **La vie de Monsieur Des-Cartes**. Paris: Daniel Horthemels, 1691. 2 v.

isto é, de transferir seus despojos para o Panteon. Não era uma decisão sem problemas. Houve casos de “panteonizados”, que em seguida foram “despanteonizados”, como Honoré Mirabeau e Jean-Paul Marat. No dia 12 de abril de 1791, dez dias depois da morte de Mirabeau, a Assembleia Nacional teve de decidir sobre a petição em favor de Descartes apresentada por um descendente do irmão mais velho deste e assumida por Marie-Jean-Antoine-Nicolas de Caritat, marquês de Condorcet. Este apresentou a petição de maneira convincente: o verdadeiro pai da revolução não era tanto Voltaire, mas Descartes, que “trouxe a filosofia de volta para a razão”<sup>35</sup>. A assembleia decidiu encaminhar a petição ao Comitê da Constituição. Foi então que o padre responsável por santa Genoveva velha comunicou a Lenoir que a igreja estava sendo pilhada. Lenoir e seus ajudantes fizeram várias visitas a esta igreja; fez um relatório das peças levadas para o depósito dos monumentos, bem como de peças provenientes de outras igrejas; fez também um diagrama de santa Genoveva localizando os caixões que se encontravam sob o piso. No entanto, só mais tarde insistiu que escavara o túmulo de Descartes, retirara o caixão contendo ossos e fragmentos de ossos e os levava para o depósito. Como o caixão estava podre, transferiu os ossos para um antigo sarcófago egípcio de alabastro retirado da igreja de São Germano de Auxerre. O sarcófago foi colocado no jardim do antigo convento junto com estátuas e tumbas. Lenoir mencionou também que pegou um pequeno pedaço de placa óssea da qual fez vários anéis, dados de presente aos “amigos da boa filosofia”<sup>36</sup>.

O relatório do Comitê de Instrução Pública foi apresentado ao Comitê da Panteonização pelo dramaturgo Marie-Joseph Chénier. O governo concordou e foi elaborado um decreto com data de 2 e 4 de outubro de 1793 “Que concede a René Descartes as honras de Grande Homem e ordena a transferência de seu corpo para o Panteão da França e que sua

---

<sup>35</sup> Citado por SHORTO, *Op. cit.*, p. 110.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 113. Shorto menciona que Condorcet acabou também vítima do Terror. Foi preso, fugiu, se escondeu e foi capturado, morrendo na prisão em circunstâncias suspeitas. Foi enquanto estava escondido que escreveu o seu conhecido *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*. Cf. SHORTO, *Op. cit.*, p. 117.

estátua seja erguida pelo celebrado Pajou<sup>37</sup>. Esta, na verdade, já estava no salão das antiguidades; seria transferida igualmente para o Panteão<sup>38</sup>. Estava-se neste momento no auge do Terror e a Convenção Nacional tinha mais do que tratar, não estabelecendo uma data para a transferência dos despojos cartesianos para o Panteão. Os ossos de Descartes ficaram onde estavam, no depósito de Lenoir. Aliás, o Terror beneficiou Lenoir, aumentando seu amontoado de restos do passado. Então ele teve de novo uma ideia: todo aquele amontoado de vestígios do passado podia ser organizado para mostrar a marcha do progresso no tempo, a marcha da razão na história. Com o apoio do governo, Lenoir criou em 1796 o Museu dos Monumentos Franceses, quem sabe, o primeiro museu histórico. O visitante, ao percorrer o jardim e os salões, organizados cronologicamente, poderia experimentar o progresso de uma civilização mais rudimentar para uma outra mais elevada.

No dia 7 de maio de 1796, Chénier dirigiu-se aos membros da Câmara dos Quinhentos. Tratava-se de ordenar a transferência dos restos de Descartes para o Panteão. A assembleia estava dividida. Os radicais (líderes do Terror) eram contra. Houve intervenções contra – do literato Luís-Sebastião Mercier – e a favor, da parte de um legislador que via a vida de Descartes como um modelo a ser seguido. No final, decidiram adiar a questão. Os ossos de Descartes ficaram no Museu dos Monumentos. A história, no entanto, não parou: houve as guerras da França contra outros países da Europa. Estas fizeram ascender um dos militares, Napoleão Bonaparte, que retornou à França em 1799 e derrubou o Diretório, tomando o lugar deste. Entitulou-se “Primeiro Cônsul” e, em 1804, “Imperador”. Quem ficou em maus lençóis foi Alexandre Lenoir: tinha de revender seu “museu revolucionário” ao novo regime como uma celebração do passado francês e obteve algum sucesso depois que a mulher de Napoleão, Josefina, visitou o museu. Quando Napoleão saiu de cena, depois da batalha de Waterloo e o exílio, Lenoir saiu também com a restauração da monarquia. A Igreja recuperou suas propriedades. Em 1816, o rei Luís XVIII decretou que as propriedades

---

<sup>37</sup> SHORTO, *Op. cit.*, p. 116.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 117.

do antigo convento dos Petits-Augustin fossem devolvidas à instituição original. O terreno do museu passou ao Instituto de Belas Artes; nele, a Escola de Belas Artes se encontra até a atualidade. Dos túmulos dos franceses ilustres nos jardins do museu, vários foram transferidos para o cemitério do Père-Lachaise, entre os quais o de Abelardo e Heloísa, mas Descartes não tomou o mesmo caminho nesta mudança de 1817. Ao que parece, alguns “amigos da filosofia” escolheram que ele fosse trasladado para a igreja de Saint-Germain-des-Prés na margem esquerda do Sena. Em 26 de fevereiro de 1819, os restos mortais de Descartes e dos acadêmicos Mabillon e Monfaucon foram solenemente transferidos para a igreja de Saint-Germain-des-Prés, colocados em caixões novos de carvalho e enterrados numa capela do lado direito da nave, tendo sido colocadas três placas de mármore.

No dia 6 de abril de 1821, o químico sueco Jöns Jacob Berzelius escreveu uma carta a João-Leopoldo-Nicolau-Frederico, ou melhor, Jorge Cuvier<sup>39</sup>. Logo de início diz Berzelius:

Vou ter a honra de vos fazer uma comunicação bastante curiosa. Numa sessão de vossa Academia das Ciências onde eu estive presente durante minha estadia em Paris, ouvi o relato por membros da Academia que tinham estado presentes ao transporte dos ossamentos de Descartes, creio eu da igreja de santa Genoveva para um outro lugar. Aí se anunciou que havia partes ausentes do esqueleto e, se eu não me engano, que era a cabeça que faltava. Alguém, dentre os acadêmicos respondeu então que os ossamentos de Descartes tinham chegado da Suécia neste estado incompleto. Esta circunstância me impressionou. Uma coisa que tinha pertencido a Descartes era certamente uma relíquia preciosa; mas tirar uma parte tão essencial de seu despojo mortal, reclamado pela pátria deste grande homem, me pareceu um sacrilégio, que não se devia censurar aos suecos, sem estar disto bem assegurado<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup> Berzelius criou os símbolos dos elementos da tabela periódica. Cuvier era o conhecido zoólogo e um dos dois secretários permanentes da Academia de Ciências.

<sup>40</sup> O texto completo da carta pode ser lido no v. 12 (supplément) de *Vie et oeuvres de Descartes* (ADAM, 1910).

Berzelius chegou a Paris em 1818 para cuidar de sua saúde, como já fizera em Londres. Nas duas cidades visitou, respectivamente, a Sociedade Real e a Academia de Ciências, instituições que reuniam os mais importantes cientistas da época. Em 1819, quando os ossos de Descartes foram levados para a igreja de Saint-Germain-des-Prés, Berzelius se encontrava na cidade. Ora, Jean-Baptiste-Joseph Delambre, astrônomo que dirigiu o projeto de criação do sistema métrico, ocupava um dos dois cargos de secretário permanente da academia de Ciências, Delambre esteve presente ao traslado dos restos mortais de Descartes e relatou o que foi encontrado em sua *História da astronomia moderna*<sup>41</sup>:

Antes de descer os ossamentos na sepultura destinada a recebê-los, tinha-se também feito a abertura da caixa interior e se tinha pego alguns ossamentos, dos quais um só tinha uma forma reconhecível; era o osso da coxa; o resto era de dimensões muito pequenas, muito pouco notáveis ou completamente reduzido a pó.

Delambre observa então:

Eis o que eu escrevia em 1819, no retorno da cerimônia; acrescento hoje estas poucas linhas.

Estou seguro de não ter visto nenhum osso que parecesse o mínimo a um crânio ou a um fragmento qualquer de crânio. A pessoa que mostra estes restos nos diz, em seus próprios termos, que nada tinha conservado sua forma senão um osso de uma das coxas; ela tomou em seguida alguns punhados de poeira, para nos mostrá-los e o resto desta poeira foi simplesmente, sem tocá-lo, despejado na sepultura que foi imediatamente fechada com uma pedra comprida e larga. Ninguém no momento pensou no crânio; supôs-se-o reduzido a poeira como o resto, à exceção de um só osso e de alguns fragmentos muito pequenos. Todos os ossos dos braços, das pernas e das coxas, à exceção de um só, estão em pó ou em fragmentos minúsculos. Não é impossível que tenha acontecido o mesmo com o crânio, depois de cento e sessenta e nove anos<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> DELAMBRE, J.-B.-J. *Histoire de l'astronomie moderne*. Paris: Courcier, 1821. v. 2. p. 200.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 662.

Delambre conclui que, na dúvida a respeito do crânio enviado por Berzelius, é conveniente supor sua autenticidade, da qual ele mesmo duvida muito, e conservar o presente de valor, enviado pelo químico sueco. De fato, Berzelius, na carta a Cuvier em 6 de abril de 1821, depois de mencionar o que tinha ouvido na Academia de Ciências, passa a falar do acontecido um mês atrás.

Ele leu num jornal que, dentre os pertences do falecido Anders Sparrman, a quem Berzelius tinha sucedido na Escola de Cirurgiões em Estocolmo, tinha sido vendido num leilão o crânio de Descartes por 37 francos. Berzelius ficou sabendo que o crânio tinha sido comprado pelo Sr. Arugren, que foi procurado por ele, disposto a pagar o preço que o Sr. Arugren pedisse, para poder enviar este crânio a Paris a fim de ser reunido aos outros restos de Descartes. O Sr. Arugren, ao tomar conhecimento disto, se dispôs a ceder o crânio pelo preço que tinha pago. O embaixador da Suécia em Paris, conde Loevenhielm, levou o crânio para Cuvier. Berzelius, embora diga que é impossível determinar se o crânio em questão é de fato o de Descartes, acredita que a probabilidade é muito grande, porque uma boa parte daqueles que o detiveram assinaram seus nomes sobre ele. Em primeiro lugar o capitão Isaak Planström, cujo nome está escrito no meio da frente com a data de 1666; em seguida vem o nome do escritor Anders Anton von Stjernman e a data de 1751; depois Claus Celsius Filho, bispo de Lund; passou também pelas mãos de Haegerflycht, Arkenholtz, Ahlgren, Sparrman e Arugren.

Isaak Planström era o capitão que comandara o destacamento encarregado de vigiar os despojos de Descartes por ocasião de sua exumação em 1666. Acima de seu nome, havia no topo do crânio um pequeno poema em latim:

*Parvula Cartesii fuit haec calvaria magni  
Exuvias reliquas gallica busta tegunt  
Sed laus ingenii toto diffunditur orbe,  
Mistaque coelicolis mens pia semper ovat<sup>43</sup>.*

---

<sup>43</sup> “Este pequeno crânio foi do grande Cartésio  
O resto dos despojos túmulos gauleses guardam  
Mas o louvor do engenho difunde-se por todo o orbe  
E junto dos celícolas sua mente piedosa se rejubila” (Tradução livre).

Sobre a testa havia um rabisco em sueco, traduzido por Berzelius: “O crânio de Descartes, tomado por I. Sr. Planström, no ano de 1666, quando se devia devolver o corpo à França”.

Curvier se encontrou com Alexandre-Maurice Blanc de Lannaute, conde de Hauterive, arquivista no Ministério de Assuntos Estrangeiros. Este, junto com Cuvier e Delambre, não conseguiram descobrir nenhuma informação na correspondência entre o embaixador da França na Suécia em 1666 e 1667 e o ministério. Em compensação, Hauterive descobriu um escrito sueco de meados do século XVIII que mencionava proprietários do crânio supostamente de Descartes. De acordo com Hauterive, em 1750, o diretor escolar Sven Hof da cidade de Skara fora visitar seu amigo Jonas Olofsson Bång em Estocolmo. Este lhe mostrou o crânio de Descartes que ele tinha recebido de seu pai Olof Bång, comerciante e cervejeiro. Este ficou com alguns pertences, entre os quais o crânio de Descartes, de alguém que tinha morrido e lhe devia uma soma de dinheiro. Ora, o falecido era Planström, que relatara a Olof Bång que tinha ficado com o crânio de Descartes porque “lamentava que a Suécia fosse ‘perder completamente os restos de uma pessoa tão famosa’”<sup>44</sup>. O capitão Planström guardou o crânio por toda sua vida, o mesmo fazendo Olof. Quando seu filho, Jonas Olofsson Bång contou esse episódio a Sven Hof e manifestou a vontade de adornar o crânio com palavras apropriadas, então Sven Hof escreveu alguns versos em latim e Bång gravou-os no crânio.

Estas informações foram completadas pelo médico Peter Lilyewalch de Lund, que nas décadas de 1860 e 70 ocupou seu tempo de aposentado com a lista dos proprietários suecos do crânio de Descartes. O próprio Shorto foi à biblioteca da universidade de Lund em 2006 e verificou na divisão de manuscritos o que Lilyewalch tinha anotado. O crânio, depois de Jonas Olofsson Bång, ficou com um militar Johan Axel Hägerflych, que o guardou até a morte, em 1740. Seus bens foram distribuídos e o crânio coube a um funcionário público, Andres Anton Stijnman. Por ocasião da morte deste, seu genro Olof Celsius tornou-se o herdeiro do crânio. Seu primo Anders Celsius era astrônomo e seu nome foi dado à escala Celsius de temperatura. O proprietário seguinte foi um superintendente

---

<sup>44</sup> SHORTO, *Op. cit.*, p. 154.

financeiro, Johan Fischerström, de Estocolmo, que o guardou até a morte, em 1796. Seus bens foram leiloados e o crânio foi arrematado por Ahgren, um conselheiro fiscal. Em seguida, o crânio passou das mãos de Ahgren às de seu amigo, naturalista e mentor de Berzelius, Anders Sparrman.

Tudo estaria bem esclarecido se não aparecesse um segundo crânio. Quem o diz é Johan Arckenholtz em suas *Memórias concernentes a Cristina rainha da Suécia*<sup>45</sup>, com base no relato de Sven Hof. Aí se diz na segunda referência que “Isaac Planström, oficial dos guardas da cidade de Estocolmo, tirou do caixão de Descartes o crânio que ele substituiu por outro”<sup>46</sup>. Berzelius escreveu a seu amigo Hans Gabriel Trolle-Wachtmeister contando a história do crânio, recebendo deste a informação de que havia em Lund “outro crânio de Descartes ‘sobre a autenticidade do qual o reitor e o conselho estão prontos a prestar juramento’”. E ainda fez brincadeira: “não seria injusto se o grande Descartes tivesse duas cabeças ‘uma vez que vemos tantos tolos com apenas uma’”<sup>47</sup>. Para complicar ainda mais, Arckenholtz diz também que em sua última viagem à Suécia, em 1754, adquiriu uma parte deste crânio que se atesta ser o verdadeiro e a outra parte do qual está no gabinete do falecido Mr. De Haegerflycht.

Shorto visitou o Museu Histórico de Lund e verificou que há ainda lá um pedaço de crânio humano com uma etiqueta “Cartesidärkala 1691 N. 6”<sup>48</sup>. Trata-se de um osso que tem a forma de uma mão em concha. É a este osso que Trolle-Wachtmeister se referia e o mesmo que Arckenholtz dizia estar no gabinete de Haegerflycht. Tal osso é o osso parietal esquerdo situado na parte esquerda do alto da cabeça, que não está faltando no crânio enviado por Berzelius a Paris. Portanto, como diz Shorto, “é impossível que os dois sejam relíquias de Descartes”<sup>49</sup>. O mesmo diz ainda que o osso do museu de Lund foi examinado pelo patologista

---

<sup>45</sup> Publicadas em Amsterdam e Leipzig: Pierre Mortier, 1751-1760. 4 v. Os trechos que interessam se encontram no v. 1, 1751, p. 228 e no v. 4, 1760, p. 232. Estas passagens estão reproduzidas em ADAM, *Op. cit.*, p. 623; cf. SHORTO, *Op. cit.*, p. 159.

<sup>46</sup> SHORTO, *Op. cit.*, p. 154.

<sup>47</sup> SHORTO, *Op.cit.*, p. 159.

<sup>48</sup> *Ibid.*; ADAM, *Op. cit.*

<sup>49</sup> SHORTO, *Op.cit.*, p. 160.



C.G. Ahlström e dois colegas seus em seus aspectos anatômicos como medidas, cor, leve endentação na parte frontal da *sutura sagittalis* (junção dos dois ossos parietais) e notaram que ele estava inteiro inclusive suas suturas, não tendo sido nem serrado nem quebrado. Ele foi separado cuidadosamente do crânio, provavelmente, pelo método de explosão, que consiste em encher a cavidade craniana de grãos de ervilha ou painço secos e em seguida de água. Os grãos ao incharem separam lentamente os vários ossos do crânio. É então de se supor que alguém procedeu a esta separação para distribuir os ossos como outras tantas relíquias. O pedaço que Arckenholtz adquiriu em 1754 era provavelmente um pedaço do mesmo crânio, que se perdeu.

Desde Hägerflycht, vários proprietários do crânio completo tinham também o fragmento. Este, de acordo com os registros da universidade de Lund passou a integrar a coleção do museu em 1780. Foi doado por uma senhora de sobrenome, quando solteira, Stjernman, sobrenome também de um dos proprietários do crânio íntegro, esposa do bispo Olof Celsius e filha de Andres Anton Stiernman. De início, quando o osso foi doado, considerou-se que era autêntico, mas aos poucos foram surgindo dúvidas: como estava tão brilhante e sem nenhuma mancha depois de tantos anos? Como o crânio de um homem de 54 anos seria tão fino? O acompanhante de Shorto em sua visita ao Museu Histórico de Lund, o historiados Hampus Cinthio, deu apenas uma risada.

Depois de receber o crânio enviado por Berzelius, a Academia de Ciências devia se pronunciar sobre sua autenticidade. O químico Claude-Louis Bertholet escreveu a Berzelius:

A Academia de Ciências recebeu, na segunda-feira passada, com reverência religiosa e vívida emoção o presente que nos enviou. Comparamos o crânio com o retrato de Descartes e reconhecemos a correspondência entre eles, que, junto à prova que o acompanhava, não deixava dúvida de se tratar do personagem a quem a cabeça pertencia.

Berzelius respondeu e passou a discutir a formação do ácido sulfúrico nos líquidos de enxofre alcalino. Por sua vez, Bertholet respondeu

e informou que, numa reunião seguinte da Academia de Ciências, Delambre se esforçara ao máximo para negar que o crânio fosse de Descartes. Bertholet disse que “suas [de Delambre] observações não pareceram bem-fundamentadas”<sup>50</sup>.

Diante dessa atitude da Academia de Ciências, Shorto<sup>51</sup> comenta que esta chegara a uma conclusão que não era dotada de uma certeza absoluta, ideal da ciência cartesiana, mas de uma probabilidade julgada suficiente, à qual chegaram aplicando “suas dúvidas à cabeça que introduzira a dúvida como ferramenta para o progresso do conhecimento”.

Contudo, as aventuras ou desventuras do crânio em questão continuaram. Ele voltou à baila nas discussões sobre a frenologia, que teve origem nas pesquisas de Franz Joseph Gall (1758-1828) sobre capacidade craniana e circunvoluções cerebrais e nos trabalhos de Marie-Jean-Pierre Flourens (1794-1867), adversário decidido das teorias de Gall. Flourens invocava Descartes contra Gall por causa da distinção radical entre mente (*res cogitans*) e corpo (*res extensa*). Na Alemanha, ocorreu uma discussão paralela entre o zoólogo Karl Vogt (1817-1895) e o fisiologista Rudolf Wagner (1805-1864), sendo que Vogt adotava posições semelhantes às de Gall. Wagner passou então a coletar cérebros para testar a teoria da capacidade craniana e refutá-la. No início de seu estudo, examinou o cérebro de um grande matemático, Carl Friedrich Gauss (1777-1855). Dos 964 cérebros colecionados por Wagner, o de Gauss ficou em 125º lugar. Nos primeiros lugares havia cérebros de gente comum e até de um imbecil<sup>52</sup>.

Os estudos de Wagner sobre o peso do cérebro ficaram conhecidos em Paris no começo de 1861 e foram discutidos na Sociedade de Antropologia fundada por Pierre-Paul Broca (1824-1880), em 1859. Broca considerou a cranologia um domínio de grande importância e completou e refinou os dados de Wagner. Suas conclusões, de acordo com um resumo de sua própria autoria, não eram certamente de agradar a todo mundo:

---

<sup>50</sup> SHORTO, *Op. cit.*, p. 163.

<sup>51</sup> *Ibid.*

<sup>52</sup> Cf. SHORTO, *Op. cit.*, p. 165-185.

Em geral, o cérebro dos homens é maior do que o das mulheres; o dos homens eminentes, maior do que os de talento medíocre; o das raças superiores, maior do que o das inferiores; ainda que outras coisas sejam equivalentes, há uma notável relação entre o desenvolvimento da inteligência e o volume do cérebro<sup>53</sup>.

Um dos que não acompanharam os argumentos de Broca foi Louis-Pierre Gratiolet (1815-1865) que era tão competente quanto Broca como cientista e anatomista, sendo responsável por importantes contribuições ao conhecimento do cérebro. Não se convenceu de modo nenhum nem com Wagner nem com a revisão deste por Broca. Para Gratiolet, Broca tinha simplesmente manipulado os dados para que entrassem em sua teoria. Broca tinha insistido sobre o tamanho extraordinariamente grande do cérebro de Cuvier. Gratiolet conseguiu, na falta do cérebro e do crânio deste último, mostrar que o crânio de Cuvier era, sem dúvida, bastante grande, mas nada de excepcional ou fora de série. Ele o provou recorrendo ao chapéu que tinha pretendido a Cuvier<sup>54</sup>. Gauss também desmentia que “um grande intelecto implicava um cérebro e um crânio desmesurados”<sup>55</sup>. Mas, e o genial Descartes? Ora, para os que o tiveram em mãos, o crânio de Descartes era bastante pequeno – *parvula calvaria* diziam os versos gravados nele. Além disso, quando recebeu o crânio enviado por Berzelius, Cuvier decidiu que seria conservado no Museu de Anatomia Comparada, parte do Museu de História Natural<sup>56</sup>.

Gratiolet foi contestado por Ernest Aubertin (1825-1893), um partidário de Broca, e a discussão dos cérebros grandes durou vários meses. O próprio Broca questionou o exemplo de Descartes: havia sempre a questão da autenticidade e, além do que, o exame do crânio só pode fornecer uma avaliação aproximada do volume e do peso do cérebro. Em seguida, a 4 de abril de 1861, um outro partidário de Broca, de sobrenome

---

<sup>53</sup> Citado por SHORTO, *Op. cit.*, p 187.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 189.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 190.

<sup>56</sup> Acha-se atualmente no Museu do Homem. Cf. SHORTO, *Op. cit.*, p. 14.

Perier, insistiu sobre a incerteza a respeito da autenticidade do crânio do Museu de Anatomia Comparada. Comparou também o crânio com o retrato de Descartes por Frans Hals (1581/85-1666), considerado o mais autêntico e apresentou a descrição que Adrien Baillet, biógrafo do filósofo, fizera. Havia coerência entre o retrato e a descrição. O crânio não vinha ao caso.

Gratiolet voltou à carga na reunião da Sociedade de Antropologia a 18 de abril de 1861 e questionou a interpretação dada por Perier do texto de Baillet. De fato, este afirmou que a cabeça de Descartes era um pouco maior em relação ao tronco, mas também disse que o corpo de Descartes era um pouco menor que a média, o que significava que o crânio não era tão grande. Quanto ao retrato de Frans Hals, a cabeça era realmente grande em relação ao corpo, mas como compará-la a outras cabeças?

No dia 23 de setembro de 1912, a academia de Ciências recebeu um exemplar de um livro publicado na Suécia e que recolhia a correspondência entre Berzelius e Claude Louis Berthollett (1820-1822). Este livro desbancou outros assuntos que estavam na pauta, inclusive uma publicação sobre as chuvas e o escoamento das águas nos dois últimos anos. Era de se supor que este último escrito despertasse grande interesse por causa das arrasadoras enchentes que Paris sofreu em 1910 e 1912. Um dos membros da Academia se deteve na carta de Berzelius de 6 de abril de 1821 em que ele falava do crânio de Descartes descoberto por ele e enviado à Academia, sendo encaminhado pelo secretário desta, Curvier, ao Museu de História Natural. Acontece que as galerias e salões do Museu tinham sido inundados na enchente de 1910. Muitos itens das coleções se perderam e outros estavam ainda sendo reorganizados. Quando se perguntou na reunião da Academia de Ciências onde estaria o tal crânio, depois de buscas em instituições filiadas a ela, o Museu de História Natural confirmou que Cuvier tinha confiado a este o crânio, mas que no momento não era possível apresentá-lo. A questão se tornou de conhecimento público e os jornais publicaram reportagens levantando a hipótese de o crânio de Descartes ter sido levado pela enchente. O *Journal des débats politiques et littéraires* e a *Gazette de France* falaram do assunto em termos dramáticos. René Verneau (1852-1938), antropólogo

do Museu de História Natural e que tinha redigido o relatório da reunião da Academia em 23 de setembro de 1912, reuniu um dossiê sobre o crânio e a documentação de 1821. Assim, ele e a equipe do Museu teriam como identificá-lo. Enfim, achou-se numa pilha de restos mortais humanos um crânio que correspondia às características registradas nos documentos do dossiê: um crânio sem a mandíbula inferior, cheio de escritos meio apagados. Uma vez achado, o crânio foi parar na mesa do diretor do Museu, Edmond Perrier (1844-1921), que o levou à Academia para seus membros o verem na reunião de 30 de setembro de 1912. Verneau assinalou que, desde 1821, essa foi a primeira ocasião em que o crânio saiu do Museu, tendo voltado para seu lugar duas horas depois. A apresentação do crânio à Academia tornou-o o assunto do dia: falava-se dele em Paris e no interior da França e até no estrangeiro. O que estava em pauta novamente era sua autenticidade. A questão foi levada a sério tanto pelo público em geral como pela imprensa especializada como a *Gazette medicale de Paris* e o *Aesculape*, bem como os especialistas. Um painel destes foi montado com Paul Richer (1849-1933) e Jean Gaston Darboux (1842-1917). O primeiro era médico e trabalhava com Jean-Martin Charcot (1825-1893) no desenvolvimento da teoria da histeria. Mas, não era só isso, era também escultor e pintava nada mal, além de ser historiador da arte, que estudava particularmente a correção anatômica na arte da Renascença. O segundo era um matemático que tinha sido secretário permanente da Academia de Ciências. Richer supôs de início que o crânio era autêntico. Se assim fosse, ele deveria ter traços correspondentes a uma pintura de Descartes feita ao vivo por um mestre. Ora, esse retrato é o que foi executado por Frans Hals e se encontrava no Louvre<sup>57</sup>. Richer assinalou que uma cabeça apresenta pontos de referência em determinados ossos, aparentes na pintura de Hals. Richer pediu a um desenhista técnico, que não tinha visto o crânio, para desenhar o crânio que estaria sob o retrato de Frans Hals. O desenhista fez um desenho bem exato do crânio com todos os ressaltos e reentrâncias, a altura das maçãs do rosto, a largura da testa, o formato do queixo. Para isso, ele usou ampliações fotográficas

---

<sup>57</sup> Ainda se acha lá. Cf. SHORTO, *Op. cit.*, p. 204.

nítidas da pintura e uma câmara clara ou lúcida<sup>58</sup>. Por seu lado, Richer fez um desenho do crânio de Descartes na mesma posição do retrato e na mesma escala do desenho feito pelo desenhista. Convocaram os membros da Academia e a imprensa: os dois desenhos se superpunham e pareciam idênticos. Foram apresentados desenhos de outros crânios na mesma posição e estes não correspondiam tão perfeitamente aos dois primeiros, havendo mesmo discordâncias notáveis. Richer pôde concluir que o crânio do Museu de História Natural apresentava uma semelhança tão grande quanto possível com o revelado pelo retrato de Hals. O *New York Times* e o *Le Figaro* noticiaram com destaque que o crânio de Descartes tinha sido identificado, era autêntico. O procedimento usado por Richer foi considerado exemplar, a questão estava resolvida.

Exceto talvez para o próprio Richer: como ele sabia que o retrato de Frans Hals tinha sido pintado em vida? O ano de 1649, um ano antes da morte de Descartes, foi tomado como o da execução da obra, mas era apenas uma suposição. Outros retomaram suas dúvidas, entre os quais Seymour Slive (1920-2014), um grande especialista em arte e sobretudo em Frans Hals: como a morte de Descartes teve repercussão internacional, houve um grande número de retratos pintados logo depois de sua morte e mais tarde; além disso, o retrato do Louvre não tinha características das pinturas de Hals — pinceladas vivas e profundidade de caráter. A dúvida renascia e Richer não tinha uma resposta categórica. Baillet veio em seu socorro. Este tinha registrado que, logo antes de viajar da Holanda para a Suécia, Descartes tinha sido convidado por um seu amigo, o padre Blocmaert, residente em Haarlen, para lhe fazer uma visita. Descartes foi e, durante sua permanência em Haarlen, Blocmaert insistiu para que posasse para um retrato. Ora, Frans Hals passou quase toda sua vida em Haarlen e era mais do que conhecido na cidade quando Descartes lá esteve. Para Seymour Slive, dentre os muitos retratos de Descartes havia um que reunia os traços peculiares de uma obra de Hals. É o retrato que se encontra no Museu de Arte do Estado de Copenhagen. O problema

---

<sup>58</sup> Aparelho de prisma de reflexão total ou espelhos que permite a alguém ver simultaneamente um objeto e sua imagem projetada sobre uma folha de papel e desenhá-la.

é que este retrato parece mais um esboço do que uma obra acabada. No entanto, o retrato do Louvre não é identificado neste museu como sendo de Hals mas “de acordo com Hals” e o de Copenhagem é tido como sendo de Hals. Por outro lado, o trabalho de Slive é muito posterior ao de Richer. Apesar disso, caso Slive e outros especialistas estejam certos, Hals pintou ao vivo Descartes em Haarlem e este retrato não é o do Louvre, é o retrato de Descartes pintado quando este estava cansado por causa das discussões e críticas a sua filosofia e prestes a viajar para a “terra de ursos, entre rochas e gelo”<sup>59</sup> da Suécia. O retrato do museu de Copenhagem parece ter servido de base para o retrato do Louvre e outros anteriores. Richer repetiu o teste, já feito com o retrato do Louvre, com esses outros que poderiam ter sido pintados em vida. Ora, todos os desenhos tinham traços que correspondiam ao crânio. Disto se concluía que, mesmo se alguns fossem cópias, eram bastante precisos pois eram compatíveis com a estrutura óssea do crânio, isto é, a estrutura óssea do rosto de um homem vivo. Tudo reconfirmava o trabalho já feito por Richer.

Depois de um certo tempo, a torturante dúvida voltou e Richer se lançou em mais uma pesquisa a partir do retrato feito pelo pintor da rainha Cristina, o holandês David Beck, a partir da máscara mortuária de Descartes que Pierre Chanut tinha mandado fazer logo após a morte do filósofo. Era antes uma obceção de Richer do que qualquer outra coisa. Considerava-se que a questão da autenticidade do crânio já estava resolvida pelo próprio Richer. Além disso, a guerra de 1914 se aproximava e as atenções se voltavam para os assuntos ligados a ela.

Passada a guerra, em plena Belle Époque, em 1927, dois membros do governo se lembraram que o decreto da Revolução para a panteonização dos restos de Descartes não tinha sido cumprido. Os conselheiros-gerais Robert Bos e André Gayot levaram a questão ao cônsul-geral. Procedeu-se a uma investigação e a imprensa internacional se ocupou do assunto: o *New York Herald* repercutiu a imprensa francesa, dizendo que a proposta de levar os restos de Descartes para o Panteão podia encontrar obstáculos, o principal sendo a incerteza sobre o local em que presentemente estes

---

<sup>59</sup> SHORTO, *Op. cit.*, p. 208.

se achavam. O *Le Temps* perguntava de modo direto: “onde estão os restos mortais de Descartes?”<sup>60</sup>. A placa existente na igreja de Saint-Germain-des-Prés não era tida como uma prova decisiva. Os funcionários encarregados do problema trouxeram novamente à luz do dia todos os personagens e peripécias desde a morte e enterro de Descartes em Estocolmo até as investigações de Paul Richer. Não valia a pena proceder ao desenterro em Saint-Germain-des-Prés. Os testemunhos dos presentes ao sepultamento achavam que aí havia apenas pó e lascas de ossos. Além do mais parece que não havia quem quisesse arcar com as despesas e incômodos da operação. Tudo ficou como estava.

Shorto, no entanto, se ocupou com “os ossos de Descartes” levado mais por seu possível valor simbólico. Toda a história de detetive que os cercou parece refletir o método cartesiano da dúvida e da busca de certeza, mesmo se esta não pode ser obtida de maneira irrefutável e tenhamos que nos contentar com maiores ou menores probabilidades. Neste sentido, como diz Shorto, a figura modelo do pensamento moderno não seria tanto Descartes ou Galileu, mas Sherlock Holmes<sup>61</sup>. Não é à toa que “inquisição”, “inquérito”, “investigação”, fazem parte, simultaneamente, do vocabulário erudito-acadêmico e policial. Shorto dedica-se enfim a fazer o papel de detetive bem sucedido e propõe sua solução para o problema: Lenoir teria perdido o que sobrou do corpo de Descartes. Salvou-se o crânio, receptáculo da mente do filósofo, que continua no Museu do Homem, fundado em 1937<sup>62</sup>.

Ao chegar ao fim da exposição sobre Tomás de Aquino, indicamos como sua complexa personalidade, grandemente unificada, foi submetida a várias dicotomias: o santo e o universitário, o filósofo e o teólogo, o escolástico e o espiritual etc. Indicamos também como aceitar pura e simplesmente estas dicotomias empobrece e falseia o que ele teria sido, buscando incansavelmente a unidade de todos esses aspectos sob a busca da união com Deus.

---

<sup>60</sup> *Ibid.*, p. 210.

<sup>61</sup> *Ibid.*, p. 211-213.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 213-219.



Quando nos voltamos para Descartes, parece que partimos desde o início de aspectos cuidadosamente distinguidos e talvez mesmo separados. Ele pretende proceder pela luz natural da razão, deixando de lado o domínio da teologia. Deixa também o que diz respeito à organização da sociedade. Dentro do próprio domínio da razão estabelece uma radical distinção entre a mente e o corpo. De tal modo, o que importa mais é sua herança filosófica, que vai direcionar o pensamento moderno e o que restou de seu corpo pouco importa, salvo o crânio, expressão material da própria mente.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, C. **Vie et oeuvres de Descartes**: étude historique. Supplément à l'édition de Descartes publiée sous les auspices du ministère de l'instruction publique. Paris: L. Cerf, 1910. v. 12. p. 617-628.
- ALARCÓN, E. Processo de Nápoles, LXXVIII. In: PRÜMMER, D. *Fontes Vitae S. Thomae Aquinatis*. Tolosae: Privat, [s.d]. p. 375-376.
- AS RELÍQUIAS de Santo Tomás de Aquino. **Aquinate**, n. 13, p. 158-159, 2010. Disponível em: <http://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/Fe.1-Reliquias-Santo-Tomas.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2022.
- BAILLET, Adriano. **La vie de Monsieur Des-Cartes**. Paris: Daniel Horthemels, 1691. 2 vols.
- BERETA, M. Heroes, martyrs and saints, the perilous fate of Savant Relics. In: BERETTA, M.; CONFORTI, M.; MAZZARELLO, P. (Eds.). **Savant Relics: brains and remains of scientists**. Sagamore Beach: Watson, 2016. p. 18-42.
- BERETTA, M.; CONFORTI, M.; MAZZARELLO, P. (Eds.). **Savant Relics: brains and remains of scientists**. Sagamore Beach: Watson, 2016.
- BIRKENMAJER, A. Carta da Universidade de Paris ao capítulo geral dos dominicanos, reunido em Lião, por ocasião da morte de Tomás de Aquino. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento. **Scintilla**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 204, jul./dez. 2011.
- BURNS, E. Mc. **História da civilização ocidental**. Porto Alegre: Globo, 1948. p. 455.
- CARTIER, E. **Histoire des reliques de saint Thomas d'Aquin**. Paris: Sagnier et Bray, 1854. p. 56-91.
- CHENU, M. D. **La théologie comme Science au XIII<sup>e</sup> siècle**. 3. ed. Paris: J. Vrin, 1969. p. 74.
- CHEVALIER, J. **Historia del pensamiento**. Madri: Aguilar, 1969, v. 3. p. 241-242, nota I.
- DE LIBERA, A. **Raison et foi**. Paris: Seuil, 2003.
- DELAMBRE, J.-B.-J. **Histoire de l'astronomie moderne**. Paris: Courcier, 1821. v. 2. p. 200.
- ECO, U. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 342.
- HAYEN, A. **Saint Thomas d'Aquin et la vie de l'Église**. Louvain; Paris: Publications Universitaires; Desclée de Brouwer, 1952, p. 320 e ss.

- LOTTIN, O. Saint Thomas d'Aquin à la faculté des arts de Paris aux approches de 1277. **Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale**, v. 16, p. 292-313, 1949.
- MANDONNET, P. La canonisation de saint Thomas. In: LES DOMINICAINS DE LA PROVINCE DE FRANCE. **Mélanges Thomistes**: Paris, J. Vrin, 1924, p. 15.
- RÄSÄNEN, M. **Thomas Aquinas Relics**. Amsterdam: University, 2017. p. 162-168.
- SHORTO, R. **Os ossos de Descartes**. São Paulo: Objetiva, 2013.
- SILVEIRA, P. El gordo, el Buey y el santo. In: **Historias de filósofos**. Buenos Aires: Alfaguara, 1997. p. 88.
- SOLÈRE, J.-L. La philosophie des théologiens. In: SOLÈRE, J.-L. E KALUZA, Z. **La servaute et la consolatrice**. Paris: J. Vrin, 2002.
- STRATHERN, P. **São Tomás de Aquino em 90 minutos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999. p. 7.
- TOMÁS DE AQUINO. **Comentário ao tratado da Trindade de Boécio (De Tr. Boettii)**. São Paulo: Unesp, 2001.
- TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**. São Paulo: Nova Cultural, 2000a. q. 5, a. 9.
- TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**. São Paulo: Nova Cultural, 2000b. liv. I, cap. 2.
- TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia**. I<sup>a</sup>, q. 1, a. 6, ad 3<sup>m</sup>. Uberlândia: EDUFU, 2005.
- TORREL, J.-P. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e sua obra**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 327.
- TORRELL, J.-P. **Iniciação a santo Tomás de Aquino**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- VAUCHEZ, A. Les Canonisations de S. Thomas et de S. Bonaventure: Pourquoi deux siècles d'ecart? In Colloque International: 1274, Année Charnière, 558., 1977, Paris. **Actes...** Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1977. p. 753-767.
- VERGER, J. Tomás de Aquino, um universitário na Idade Média. In: BERLIOZ, J. **Monges e religiosos na Idade Média**. Lisboa: Terramar, 1996. p. 287-301.

## ANEXO A - AS RELÍQUIAS DE SANTO TOMÁS DE AQUINO<sup>63</sup>

O Senhor Presidente da comissão ordenou que se quebrassem os selos e se abrisse o cofre.

Do interior do cofre foram extraídos os ossos do Santo que foram cuidadosamente dispostos sobre o altar da capela. No interior do cofre se encontrava igualmente uma ata relatando o último reconhecimento destas relíquias por S. Exa. Monsenhor Garrone, em 18 de setembro de 1963, e a coleta de uma das quatro costelas que foi dada à Catedral de Aquino: - O Cofre continha ainda a ata do reconhecimento promovido por S. Exa., o Cardeal Desprez, em 24 de julho de 1878.

Os Doutores Salvador e Petel procederam então ao inventário dos ossos, do qual transcrevemos, sob o seu ditado, a enumeração seguinte:

Omoplata (escápula) esquerda,

Úmero e cúbito (ulna) esquerdos,

Três costelas,

Sete vértebras (a saber, a atlas, três cervicais, das quais a sétima, duas dorsais, uma lombar),

Ossos ilíaco esquerdo,

Sacro,

Fêmur esquerdo e fêmur direito,

Uma tíbia e um perônio (fíbula) esquerdos.

O que constitui dezenove ossos. Sublinhamos a cor escura dos ossos, o que permite supor que foram submetidos em alguma época a algum produto corante ou destinado a facilitar a sua conservação.

A tíbia do platô à apófise (maléolo) mede 38,5 cm.,

O Fêmur, da cabeça femoral ao côndilo: 46,5 cm.,

O cúbito: 27 cm.,

---

<sup>63</sup> Parte extraída de: AS RELÍQUIAS de Santo Tomás de Aquino. **Aquinate**, n. 13, p. 158-159, 2010. Disponível em: <http://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/Fe.1-Reliquias-Santo-Tomas.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2022.

O úmero: 33 cm.,

Os dois articulados: 57,5 cm.

Esses ossos foram depositados de novo no mesmo cofre de madeira bem como um pergaminho contendo a ata de reconhecimento destas relíquias.

O cofre foi em seguida novamente fechado a chave e selado pelo Presidente da Comissão com quatro selos de cera vermelha com as armas da Diocese de Toulouse, selo redondo levando ao centro a Cruz de Languedoc circundada pela inscrição: Arcebispado de Toulouse.

Estes selos de cera foram colocados na articulação da tampa na posição seguinte: um em cima, dois à direita e um à esquerda.

Cumpridas estas formalidades, procedeu-se ao reconhecimento da relíquia da cabeça de Santo Tomás de Aquino, conservada em outro relicário.

O crânio do Santo Doutor estava envolvido por um estofado de tecido prateado bordado de ouro. Duas tiras prateadas cruzadas fixavam a relíquia sobre o pedestal do relicário por quatro selos de cera vermelha, um outro selo se encontrava no topo do crânio no cruzamento das tiras.

O Promotor da Fé procedeu ao reconhecimento dos selos que foram reconhecidos em bom estado e das armas de S. Eminência, o Cardeal Desprez, antigo arcebispo de Toulouse.

O Monsenhor Presidente da Comissão ordenou que se partissem os selos e se descobrisse a relíquia.

O crânio do Santo foi examinado pelos médicos presentes que fizeram a seguinte descrição:

O perímetro craniano é de 0,515 m, as duas apófises (processos) mastoideas foram polidas. A base craniana está intacta. As arcadas superciliares normais. A meia maxila direita não traz a cavidade dentária, dentes perdidos provavelmente em vida do Santo. Os alvéolos do lado esquerdo estão intactos. Altura da face (fronte?) de 8 cm. Da hipófise molar direita à esquerda, 29 cm. Do seio sagital da base do nariz à occipital, 26 cm. Nenhuma lesão no nível dos ossos do crânio.

A preciosa relíquia foi então coberta por uma tela adamascada, envolvida por uma tira amarela, selada e depositada em um cofre cúbico de madeira de castanheira, assim como um pergaminho que contém a ata de reconhecimento desta relíquia.

O cofre munido de uma fechadura foi fechado novamente a chave e selado com as armas do Arcebispado de Toulouse, com três selos dispostos na articulação da tampa, um em cima, um à direita e um à esquerda. O Cofre foi envolvido por uma tira amarela e igualmente selado com as mesmas armas na parte superior da tampa.

Cumpridas estas formalidades, frente às duas relíquias colocadas sobre o altar, todos os presentes se recolheram por alguns instantes.

Por fé do que, eu, notário abaixo assinado, redigi a presente ata que foi assinada também pelos membros presentes da Comissão, depois de ter sido feita a leitura. Assinaram:

Mons. Joseph Chansou, Prot. Apost. Presidente.

Mons. Martimort.

Rev. Pe. Kopf, representado pelo Rev. Pe. Prov. Toulouse, O. P., Laxague, O. P.

Con. R. Desjardins, Promotor da Fé.

Doutor Salvador, médico-especialista.

Doutor Petel, médico-especialista.

Padre L. Bonnet, notário.

*Ita est.*

*Tolasae, die 21 octobris, 1974*

Louis Bonnet, *notarius*.